



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UNICEUB
FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – FATECS
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO
DISCIPLINA: MONOGRAFIA
PROFESSOR ORIENTADOR: ALEXANDRE RIBEIRO
ÁREA: DESIGN GRÁFICO/ DIAGRAMAÇÃO

Diagramação como mensagem

O poder comunicacional do projeto gráfico de veículos impressos na cobertura das Olimpíadas de Pequim 2008

Romannessa Sanches
2051281/2

Brasília, Outubro de 2008

Romannessa Sanches

Diagramação como mensagem

Trabalho apresentado à Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas, como requisito parcial para a obtenção ao grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo no Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, orientado pelo prof. Alexandre Ribeiro.

Brasília, Outubro de 2008

Romannessa Sanches

Diagramação como mensagem

Trabalho apresentado à Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas, como requisito parcial para a obtenção ao grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo no Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, orientado pelo prof. Alexandre Ribeiro.

Banca Examinadora

Prof. Alexandre Ribeiro
Orientador

Prof. André Ramos
Examinador

Prof. Bruno Nalon
Examinador

Brasília, Outubro de 2008

Agradecimentos

Agradeço a Deus pela vida e por todas as oportunidades que sempre tive. A meus pais, Romualdo e Carmen, pela vida, apoio e ensinamentos preciosos. À minha irmã, Rorrélia, por todo amor, apoio, incentivo e exemplo. Aos demais irmãos e aos sobrinhos, muito obrigada por tudo. Vocês são muito importantes para mim. Amo vocês!

Aos meus amigos e colegas de todos os tempos, muito obrigada pelas palavras de incentivo de vocês. Depois de tanta correria é hora de comemorarmos. Obrigada pela amizade nesse momento tão importante. Vocês todos são especiais!

Obrigada, também, aos professores, os bons e os ruins, todos me ensinaram algo. Especial agradecimento ao meu orientador, Alexandre Ribeiro, pela orientação, paciência com as dúvidas e o ânimo com meu trabalho. Muito obrigada a todos vocês!

Designers podem fazer uma grande diferença, não apenas porque eles fazem as coisas mais aparentes - isso também ajuda-, mas mais importante porque eles são, ou deveriam ser, especializados em colocar a imaginação em prática e estruturar mensagens para serem entendidas por uma enorme audiência.

Max Bruinsma

RESUMO

Este trabalho resulta de pesquisa bibliográfica e análise das edições dos cadernos sobre as Olimpíadas de 2008 dos jornais *Correio Braziliense*, *Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo* e *Jornal do Brasil*, dos dias dez, dezessete, vinte e quatro e vinte e cinco de agosto de 2008 que questiona o papel da diagramação na transmissão da informação dentro do jornalismo impresso. O início se dá com uma breve introdução aos elementos da diagramação. Em seguida, é realizado um recorte sobre a aplicação da diagramação nos diferentes meios de comunicação impressa. O presente trabalho é embasado pelo modelo teórico do Meio como mensagem e apresenta uma relação entre a diagramação e este modelo. Por último, é apresentada a análise e discussão dos jornais analisados, a fim de verificar a aplicação dos elementos gráficos nos cadernos dedicados às Olimpíadas de 2008.

Palavras-chave: Jornalismo impresso, diagramação, design gráfico, Jogos Olímpicos de Pequim, Marshall McLuhan.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 ELEMENTOS DA DIAGRAMAÇÃO.....	11
2.1 Tipografia.....	12
2.2 Cor.....	15
2.3 Imagem.....	18
2.3.1 Fotografia.....	18
2.3.2 Ilustração.....	19
2.4 Infografia.....	21
3 A DIAGRAMAÇÃO E OS VEÍCULOS IMPRESSOS.....	23
3.1 A diagramação em revista.....	23
3.2 A diagramação em jornais.....	24
3.3 A influência das mídias eletrônicas.....	26
4 DIAGRAMAÇÃO E O MODELO TEÓRICO DO MEIO COMO MENSAGEM.....	27
4.1 O modelo teórico de Marshall McLuhan.....	27
4.2 A diagramação como mensagem.....	29
5 ANÁLISE DOS CADERNOS ESPECIAIS DAS OLIMPÍADAS.....	31
5.1 Análise.....	31
5.1.1 Análise do jornal Correio Braziliense.....	31
5.1.2 Análise do jornal O Estado de S. Paulo.....	36
5.1.3 Análise do jornal Folha de S. Paulo.....	41
5.1.4 Análise do Jornal do Brasil.....	45
5.2 Discussão.....	48
6 CONCLUSÃO.....	51
REFERÊNCIAS.....	53
ANEXOS.....	55

1 INTRODUÇÃO

Contextualização

A diagramação é a área do design gráfico que busca o equilíbrio, a perfeita harmonia entre conteúdo e forma de materiais impressos. Apesar dos ares de arte nova, invenção da modernidade, benesse da tecnologia, a diagramação tem raízes nos primórdios do intelecto humano.

O diagramador é um profissional geralmente graduado em design gráfico, comunicação visual, publicidade, e mais raramente, jornalismo, apesar de não haver exigência de formação para esta carreira. Cabe ao diagramador dar coerência aos elementos dispersos na página, para que esta resulte em uma forma de comunicação imediata. Isso é feito através de um projeto gráfico, que cria uma identidade visual para a publicação trabalhada.

No jornalismo, a função do diagramador é muitas vezes vista com menor importância que a de outros profissionais da redação, como por exemplo, um repórter, que vai às ruas em busca da notícia. Contudo, esquecem-se os jornalistas que mesmo a melhor reportagem pode ser ignorada pelo leitor se não for corretamente posicionada, ilustrada e mesmo escrita com os caracteres adequados dentro do espaço oferecido pelo veículo em que atua.

Justificativa

Segundo o modelo teórico do canadense Marshall McLuhan (1967) o meio, que normalmente é visto como simples canal de passagem do conteúdo comunicativo, é um elemento determinante da comunicação. Para ele o meio pelo qual a comunicação se estabelece, não é apenas uma forma de comunicação, mas determina o próprio conteúdo da comunicação. Ele defende que somos o que percebemos e que nossa percepção muda conforme mudam os nossos modos de usar os sentidos.

Para McLuhan (1967) nossos sentimentos têm um relacionamento natural com as tecnologias pelas quais estendemos nossa ação, a começar pela linguagem. Primeiro pela palavra no seu uso oral, porque desta forma mantém-se o uso da audição, do tato e da visão. Depois com o alfabeto fonético, onde são usadas a

visão e a audição. Com a imprensa, o alfabeto faz-se silencioso, nela a visão torna-se quase suprema, o homem torna-se então visual, linear, unidimensional. Por fim, com a comunicação eletrônica se reporá o mundo oral, auditivo, imagético, tátil e visual.

Objetivos

Dessa forma, o problema a ser pesquisado consiste na seguinte pergunta: Qual o papel das artes gráficas na transmissão de informação em veículos impressos; apenas estético ou também comunicacional? A diagramação poderia ser interpretada como uma mensagem em si? Estudar essa relação é o que dá razão de ser a este trabalho.

Esta monografia visa estudar, a partir do modelo teórico do Meio como Mensagem, proposto por Marshall McLuhan (1967), a relação existente entre as artes gráficas, a notícia e a recepção pelo leitor. A investigação será baseada no modelo teórico proposto por Marshall McLuhan, e na análise dos cadernos especiais dominicais sobre os jogos olímpicos de Beijing 2008.

Os objetivos específicos desta monografia são investigar o papel das artes gráficas na absorção do conteúdo; e a influência das mídias eletrônicas na diagramação atual.

Metodologia

Para realização deste trabalho se recorrerá à pesquisa bibliográfica sobre os assuntos: diagramação, design gráfico, discurso gráfico, comunicação visual, arquitetura da informação, e o modelo teórico do Meio como Mensagem de Marshall McLuhan; e o análise discursiva dos cadernos especiais sobre as Olimpíadas de Beijing 2008 dos jornais Correio Braziliense, Folha de São Paulo, Estado de S. Paulo e Jornal do Brasil, que também ilustrarão o trabalho.

Estrutura

O primeiro capítulo traz um panorama dos quatro elementos da diagramação que foram analisados nos jornais escolhidos, tipografia, cor, imagem e infografia.

O segundo capítulo fala sobre a importância da diagramação nos diferentes veículos impressos, revistas e jornais; e traz também um tópico sobre a influência das mídias eletrônicas, especialmente TV e Internet, sobre a diagramação nos últimos anos.

No terceiro capítulo há um paralelo entre a diagramação e o modelo teórico do Meio como Mensagem, modelo teórico escolhido para embasar este trabalho.

Por fim, o quarto capítulo fala sobre a análise dos cadernos especiais sobre as Olimpíadas 2008 dos jornais Correio Braziliense, Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo e Jornal do Brasil, dos dias 10, 17, 24 e 25 de agosto de 2008.

2. ELEMENTOS DA DIAGRAMAÇÃO

A preocupação com a comunicação visual, com a apresentação de uma imagem agradável, é uma realidade em todas as áreas do conhecimento na sociedade pós-moderna, e isso se deve em grande parte à disseminação dos recursos tecnológicos e ao mercado cada vez mais competitivo.

Transmitir uma informação de forma rápida e clara também é uma exigência. Em uma sociedade cujo tempo é acelerado pela eficiência imposta pela tecnologia, é compreensível que o público busque poder parar durante poucos minutos e estar a par de tudo o que ocorre no mundo. A hierarquização da informação tornou-se possível a partir da funcionalidade gráfica, que trouxe ordem a diagramação dos textos.

Rafael Souza Silva (1985) afirma que:

[...] o leitor de hoje habituou-se a ver o jornal plasticamente bonito onde a funcionalidade da apresentação e a racionalidade da leitura são elementos indispensáveis no sucesso da publicação. O desenho industrial tornou a funcionalidade uma questão de estética. (SILVA, 1985, p.25)

O uso de ilustrações, charges e mais recentemente infográficos tem se tornado cada vez mais comum em jornais e revistas. Essas técnicas complementam a informação contida no texto escrito, e em alguns casos, como na infografia e na charge, elas podem ser a própria informação. Mesmo assim, as artes gráficas ainda são vistas com menor importância por jornalistas e estudantes de jornalismo.

Nas redações de veículos impressos e nas escolas de comunicação, mais especificamente nos cursos de jornalismo, o valor atribuído a diagramação é suprimido pelo valor do texto pelo texto, a obtenção da informação e a forma como esta é redigida são mais importantes que sua apresentação aos leitores, não há a preocupação de como esse texto será exibido ao público.

Para dar ao texto a disposição ideal para chamar a atenção do leitor, o diagramador trabalha com vários elementos, dentre eles, a tipografia, as imagens, as cores e a infografia. Porém, se a diagramação não evocar nada a ninguém, o seu potencial comunicativo será baixo.

2.1 Tipografia

Desde que a escrita foi inventada o homem procura formas de registrar seus feitos e textos de forma perpétua. Ao longo dos séculos, diversas formas de representação do alfabeto foram criadas, formas influenciadas pela cultura de diferentes povos, dessas criações surgiram uma gama de tipos com uma infinidade de categorias. Por exemplo, o alfabeto latino, usado no Ocidente tem sua origem na escrita médio-oriental, cujo valor é logográfico, baseado em formas do cotidiano. Da simplificação daquela escrita surgiu nosso alfabeto, de formas lineares e simplificadas.

Os escribas foram os primeiros profissionais a utilizarem o alfabeto escrito, eles registravam nos mais diferentes suportes, pedra, cera, pergaminho, papiro, os feitos, geralmente de nobres e ricos. Com o surgimento do papel e dos livros os escribas passaram a ser conhecidos como calígrafos, e eram responsáveis pela edição de livros, porém cada publicação era única, pois sua reprodutibilidade era praticamente impossível.

Para resolver o problema da reprodutibilidade, o chinês Pi Sheng inventou o tipo móvel. A data não é certa, mas estudiosos dizem que isso ocorreu entre 1040 e 1048. Diferente dos tipos móveis utilizados por Gutenberg 400 anos mais tarde, os de Pi Sheng eram feitos de barro cozido.

Em 1450 o alemão Johann Gutenberg inventou a impressora de tipos móveis, que foi uma revolução no que diz respeito à velocidade da cópia de textos, sua invenção incorporou a praticidade do tipo móvel de Pi Sheng com a tradição da letra caligráfica. No início, o estudo dos tipos, era voltado exclusivamente para a aplicação aos livros; mais tarde, foi peça fundamental no aperfeiçoamento dos primeiros periódicos; hoje, seu uso se estende de panfletos de festas a outdoors, jornais, revistas, livros, sites e logomarcas.

Em seu livro, *Elementos do estilo tipográfico*, o tipógrafo e designer Robert Bringhurst (1992) considera a tipografia um dos principais elementos da página impressa, para comunicar de forma satisfatória, ela precisa seguir o princípio da legibilidade. Segundo o princípio da legibilidade o texto deve ser um intermediário neutro da mensagem, ele precisa ser legível ao ponto do reconhecimento de letras e palavras acontecer num nível subconsciente, para que o conteúdo ocupe o primeiro plano de compreensão.

Investir na tipografia da página gráfica não pode significar abrir mão da informação do jornalismo. Uma composição tipográfica deve ser legível e visualmente envolvente, sem desconsiderar o contexto e o conteúdo do que é lido e os objetivos da publicação. Para Bringhurst (1992), “A página tipográfica é um mapa da mente; é também com frequência um mapa da ordem social da qual emerge.”.

Allen Hurlburt (1977) diz que:

[...] palavras são comunicação. A elaboração da forma da página anda de mãos dadas com a escolha do tipo, e ambas são preocupações tipográficas permanentes. Faça com que a relação visual entre o texto e seus outros elementos seja um reflexo de sua real relação. (HURLBURT,1977,p.99)

A Associação Tipográfica Internacional explica que há uma distinção entre tipografia, que é a impressão dos tipos, e tipologia, que é o estudo da formação dos tipos. Mas normalmente, o termo tipografia é usado para se referir a ambos.

Segundo a Associação Tipográfica Internacional os tipos ou fontes são classificados em quatro grupos básicos, segundo as características que apresentam: com serifas, sem serifas, scripts, e display.

As fontes serifadas (figura 1) são recomendadas para blocos de texto, pois as serifas tendem a guiar o olhar através do texto, já que o ser humano lê palavras e não letras individuais, assim as letras serifadas parecem juntar-se devido aos seus prolongamentos, unindo as palavras.



Figura 1 – Formação de tipos com serifas e exemplos de tipos serifados

Fontes sem serifas (figura 2) são ideais para exibição de textos no monitor, pois transmitem sensação de limpeza, clareza e organização. As fontes sem serifa

costumam ser usadas em títulos e chamadas, pois valorizam cada palavra individualmente e tendem a ter maior peso e chamam mais a atenção.



Figura 2 – Formação de tipos sem serifas e exemplos de tipos não serifados

As fontes script (figura 3) são todas as que imitam a escrita humana. Essas fontes são comumente utilizadas em convites e certificados, pois sugerem classe, tradição, elegância, antiguidade, mas devem ser usadas com cautela em mídias interativas.



Figura 3 – Exemplos de tipos que imitam a escrita manuscrita

As fontes display (figura 4) são tipos comemorativos, enfeitados, que representam símbolos, são classificados como display. Algumas imitam bichos, objetos, pessoas, neve, desenhos animados, outras ainda remetem a idéia de festa, comemoração, quadrinhos, tecnologia, etc.

Party Potzrebie Improv
 Escalido JUNIPER Juice
 FAJITA SCARLETT

Figura 4 – Exemplos de tipos comemorativos

2.2 Cor

A cor é um elemento indissociável do nosso cotidiano, e exerce especial importância sobretudo nas Artes Visuais. Artistas, designers e arquitetos usam as cores para causar situações na percepção humana.

A cor sempre atraiu e causou no ser humano de todas as épocas, preferência por determinadas harmonias de acordo especialmente com fatores culturais, evolução do gosto e especialmente pelas influências e diretrizes que a arte marca.

Culturas distintas podem ter diferentes significados para determinadas cores. Por exemplo, a cor vermelha, é a cor do sangue e naturalmente provoca uma reação de atenção nos indivíduos, inconscientemente ou não foi utilizada no Império Romano, pelos nazistas e comunistas.

Modesto Farina (1990) explica que a cor como conhecemos não existe, é uma representação cerebral, ou seja, os objetos não têm cor; o que se vê é na verdade uma sensação provocada por estímulos físicos de natureza. A percepção da cor é muito importante para a compreensão de um ambiente. A cor não tem a ver apenas com os olhos e com a retina, mas também com a informação prévia presente no cérebro.

Segundo Israel Pedrosa (1977), quando se fala em cor, há que se distinguir entre cor-luz, obtida aditivamente, ou cor pigmento, obtida subtrativamente. No primeiro caso, chamado de sistema RGB, temos os objetos que emitem luz, monitores, televisão, sol, etc.; no segundo sistema, chamado CMYK, temos uma superfície branca, onde se adicionam as cores. Além dessa divisão, as cores também são classificadas em primárias, secundárias e complementares, mas são diferentes na cor luz e na cor pigmento.

A cor-luz recebe esta denominação porque são as cores que estão contidas na luz e por ela são refletidas. A luz é emitida em ondas de várias frequências diferentes, cada frequência corresponde a uma cor específica. No grupo das cores-luz as cores primárias são vermelho-alaranjado, verde e azul-violeta, a soma das três cores-luz primárias produz a luz branca. Por isso elas também são chamadas de cores primárias aditivas, ou síntese aditiva das cores (figura 5). Quando um feixe de luz branca atravessa um prisma, as frequências são separadas e podemos ver todas as cores como em um arco-íris. Este princípio é utilizado na eletrônica, na física e na informática, e é o que possibilita a visualização das cores em televisores e monitores de computador.

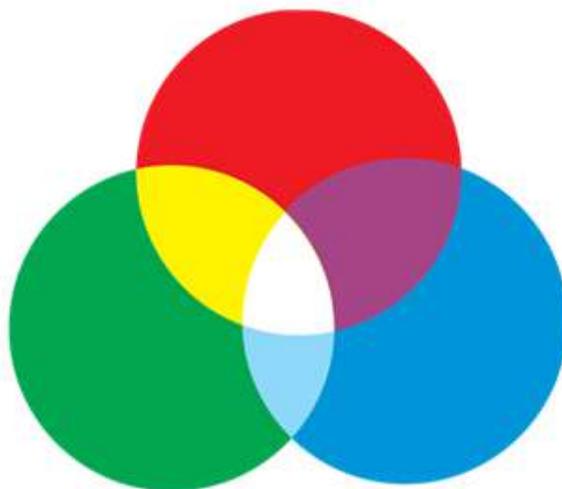


Figura 5 – Síntese aditiva

As cores pigmento são as utilizadas em tintas, lápis-de-cor, canetas coloridas e outros materiais para tingir ou colorir. Os pigmentos são classificados em acromáticos e cromáticos. O branco, o preto e os cinzas, produzidos pela mistura do preto e do branco, são acromáticos porque não contêm cor, todos os outros pigmentos são cromáticos. Os pigmentos cromáticos são classificados em três categorias: primários, secundários e terciários. As cores primárias da cor pigmento são: magenta, amarelo e azul, a mistura dessas cores em igual quantidade resulta na cor preta. Por isso são chamadas de cores-pigmento primárias subtrativas ou síntese subtrativa das cores (figura 6). Nas artes gráficas e na fotografia usa-se o azul-ciano. O azul-ultramar ou azul-da-prússia é usado pelos artistas pintores que

trabalham com tinta a óleo, acrílica, guache, aquarela. As cores secundárias são obtidas através da combinação, em iguais proporções, das cores primárias. Normalmente esta mistura de cores é feita com as cores-pigmento. As cores terciárias são intermediárias entre uma cor secundária e uma das duas cores primárias que estão em sua composição.

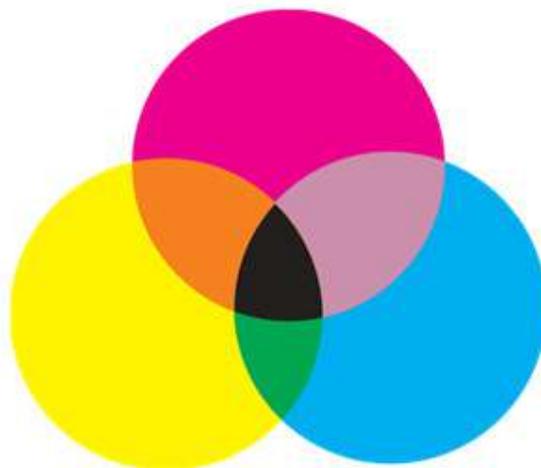


Figura 6 – Síntese subtrativa das cores

As cores complementares (figura 7) são usadas para dar força e equilíbrio a um trabalho criando contrastes, também são usadas em trabalhos com cores-pigmento. Uma cor primária é sempre complementada por uma cor secundária. Esta é a cor que está em oposição à posição desta cor primária no círculo cromático. Por exemplo, a cor complementar do vermelho é o verde, do azul é o laranja.

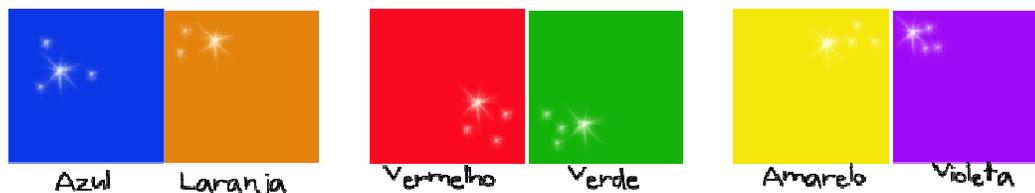


Figura 7 – Exemplos de cores complementares

As cores também podem ser classificadas em frias e quentes. As cores frias estão entre azuis, verdes, violetas. Cores frias não emitem euforia, trazem calma e

melancolia. Já as cores quentes estão situadas entre laranjas, vermelhos, magentas. Transmitem euforia e estimulam quem observa.

Contraste e harmonia são conceitos importantes para a visualidade de um projeto gráfico e eventualmente estabelecem o equilíbrio do design de acordo com o propósito do material. Israel Pedrosa (2003) explica que toda cor combina com qualquer outra, mas nem toda combinação é harmônica. Para trabalhar com harmonização das cores é comum que se utilize as cores-pigmento.

Certos pares tendem a formar acordes, acordes são cores que se ajustam umas às outras em duplas, esses acordes se harmonizam em consonantes e dissonantes. Os acordes consonantes se ajustam por semelhança; os dissonantes por contraste.

A harmonia consonante é formada por cores que foram feitas a partir de uma mesma cor, por exemplo, em todas as cores está presente o azul; a harmonia dissonante é formada por cores puras; pelo menos duas delas têm que ser dissonantes e as outras têm que harmonizá-las; e a harmonia assonante é formada por acordes múltiplos de cores semelhantes.

2.3 Imagem

2.3.1 Fotografia

No jornalismo, a função da imagem, através de fotos, ilustrações, desenhos e outros recursos gráficos, é explicar melhor a notícia, ajudando o leitor a entender e a interpretar o sentido dos fatos. Dentre os elementos relacionados à comunicação visual, a fotografia tem grande importância ao longo do processo do design da página. As técnicas fotográficas são muito importantes para o êxito da publicação.

Planejar um trabalho com fotos exige conhecimento do processo fotográfico e, principalmente, consciência do conteúdo da imagem em relação à diagramação pretendida. Ao utilizar mais de uma foto, o diagramador tem que avaliar como se relacionam seus valores e suas formas dentro do layout da página. Fotógrafo e diagramador devem trabalhar juntos, pois um fotógrafo hábil é um comunicador visual especializado.

Segundo Allen Hurlburt (1977), a escolha da fotografia a ser colocada numa página segue dois caminhos: a foto pode ser tirada com indicações específicas,

pensada especialmente para se adaptar, ilustrar a diagramação pretendida; ou a foto é escolhida no arquivo, e a diagramação utilizará os valores já contidos no material selecionado.

Para Hurlburt (1977), as imagens que chamam nossa atenção quando olhamos ao acaso em uma série de fotos são as que provavelmente atrairão a atenção do leitor, porém é necessário que se questione se essas imagens têm relevância na comunicação, relação com a diagramação como um todo e se têm credibilidade. O diagramador não deve enganar o leitor, mas deve estar atento às suas reações.

O diagramador precisa ser um crítico, um juiz das imagens que irá utilizar, ele deve julgar o poder de comunicação da imagem, sua uniformidade com a página, e sua qualidade para impressão.

2.3.2 Ilustração

No início do século XX, quando o design moderno ainda dava os primeiros passos, as ilustrações eram umas das principais forças do design da página. O uso editorial da ilustração tem origem nas iluminuras, utilizadas nos manuscritos da Idade Média e sua história está intimamente ligada à literatura e à gravura. No final do século XIX e início do XX, a ilustração começou a ser usada para fins “jornalísticos”, revistas estadunidenses como a *The New Yorker* eram cheias de ficção ilustrada.

A ilustração é uma imagem pictória, geralmente um desenho, utilizado para acompanhar, explicar, acrescentar ou sintetizar uma informação, ou simplesmente decorar um texto. Embora o termo seja usado freqüentemente para se referir a desenhos, pinturas ou colagens, uma fotografia, um infográfico também são ilustração.

Quando começou a ser usada em periódicos a ilustração era feita por ilustradores propriamente ditos, desenhistas e pintores. No Brasil a ilustração começa a ser usada por periódicos no jornal/revista *Semana Ilustrada*, que circulou por 16 anos, entre 1860 e 1876. A publicação dava ênfase a caricatura e a ilustrações humorísticas, que mais tarde viriam a ser conhecidas como charges. Mas a publicação brasileira mais bem sucedida no uso da ilustração foi a revista *O Cruzeiro*, criada por Assis Chateaubriand em 1928.

Um tipo de ilustração que começou nos jornais e acabou ganhando publicações próprias é o cartoonismo. Surgido nos Estados Unidos do início do século XX, o cartoon era formado por tiras de três a quatro quadros com desenhos e balões de fala que contavam pequenas histórias e ocupavam eventuais espaços vagos de uma publicação.

Com o passar dos anos e o sucesso, os cartoons começaram a ser produzidos com muitos quadros contando histórias mais longas, com ou sem o uso de balões, e tendo publicações próprias. No anos 50, os HQ, ou Histórias em Quadrinhos, de super-heróis tornaram-se um fenômeno editorial nos Estados Unidos e no mundo. No Brasil, nos anos 60, Maurício de Souza cria a *Turma da Mônica*, um grande sucesso editorial até os dias de hoje.

Mesmo com a existência dos HQ, ainda hoje jornais de todo mundo trazem tirinhas, os quadrinhos, ou cartoons de poucos quadros, em seus cadernos de cultura e lazer.

Outra forma de ilustração que está se tornando cada dia mais importante é a ilustração gráfica. Com a chegada da computação gráfica nos anos 90, os ilustradores vêm mudando sua forma de trabalho com a utilização de softwares de manipulação fotográfica, dispositivos de digitalização de imagens, o uso de imagens vetoriais e em três dimensões, têm se tornado comum na diagramação.

Dario Pimentel Falleiros (2003) alerta para o fato de que a ilustração gráfica requer um grau de conhecimentos gerais, um senso desenvolvido de lógica para os problemas de análise e o altíssimo sentido de organização visual. Compreender a complexidade de estatística e tabelas, e a comunicação de todo esse material de uma forma gráfica clara e articulada, é um novo campo dentro da diagramação.

2.4 Infografia

Uma forma que vem sendo muito usada desde os anos 80 para transmitir a notícia é a infografia. Por meio dela é possível resumir em poucas palavras e imagens, sejam elas fotografias ou ilustrações, as principais informações de uma matéria.

Infográficos são dispositivos de informação criados em computador que integram o texto a elementos visuais diversos para transmitir a informação. Geralmente, um infográfico é formado por título; um pequeno parágrafo introdutório;

o corpo, que integra imagens, gráficos, tabelas, organogramas e legendas formando o conteúdo principal; e a fonte da informação.

Segundo Jorge Pedro de Sousa (2001), autor de *Elementos do Jornalismo Impresso*, os infográficos podem ser classificados em: *tipificados*, que englobam gráficos, mapas e desenhos figurativos do interior de locais ou objetos; e *compostos ou mistos*, que trazem vários elementos de uma só vez.

Sidnei Basile (2002), autor de *Elementos do Jornalismo Econômico*, conta que os primeiros usos de infográficos dentro do jornalismo foram nas editorias de economia dos jornais, onde eram usados gráficos para ilustrar dados e estatísticas.

A partir do surgimento das mídias eletrônicas e de novos recursos de diagramação, os infográficos tornaram-se mais elaborados, influenciados pela televisão e principalmente pela internet, e migraram das editorias econômicas para os demais cadernos dos jornais.

Segundo Gonzalo Peltzer (1992), autor do livro *Jornalismo Iconográfico*, a infografia é uma linguagem que pode ser usada no jornalismo por suas formas de transmissão, edição, difusão e armazenamento, o que a torna um elemento extremamente informativo. Em palestra na Universidade Federal do Rio de Janeiro, Flávio Diegues, editor da revista *Superinteressante*, disse que "o infográfico é um quebra-cabeças, não como um enigma a ser decifrado, mas algo que se monta para traduzir um mistério".

O infográfico permite aproveitar melhor o espaço do impresso simplificando a informação. Mas o infográfico por si só não se basta. Para funcionar, depende de um texto coeso, objetivo, claro, limpo, subdividido em itens, com linguagem direta, e informações puras. Sua função não é interpretativa. Complementa o texto. Em alguns casos consegue substituir o próprio texto diante do poder de comunicação da mensagem não-verbal.

Em seu livro *Elementos do Jornalismo Impresso*, Jorge Pedro Sousa (2001), traz uma pesquisa realizada por editores estadunidenses em 1991 que revelou que os elementos mais processados pelos leitores são os títulos, com 50%; notícias curtas, com no máximo dois parágrafos, são lidas por 60% do público, porém menos de 12,5% dos textos de jornais são lidos com profundidade. Já no que diz respeito à parte gráfica, cerca de 70% dos infográficos são processados pelos leitores.

Mas Dario Falleiros (2003) chama atenção para a possibilidade de ao tentar simplificar a informação se adulterar o conteúdo real. Por exemplo, se para dizer que

o setor de serviços tem crescido se substitui um gráfico de barras por desenhos de pessoas em diferentes tamanhos, corre-se o risco de mudar o sentido da proporção.

3 A DIAGRAMAÇÃO E OS VEÍCULOS IMPRESSOS

3.1 A diagramação em revista

As revistas levam grande vantagem sobre os jornais do ponto de vista de criação gráfica por terem tamanho menor e mais tempo para serem diagramadas, o que permite que o diagramador possa usar mais recursos visuais, criando uma diagramação mais elaborada.

Em revista o diagramador é chamado de diretor de arte, mas segundo o designer e editor Jan White - citado por Marília Scalzo (2003) em seu livro *Jornalismo de Revista* - design de revista não é arte. Marília Scalzo (2003) define a diagramação de revista como comunicação, informação, o recurso usado para tornar as reportagens mais atrativas. Para obter um resultado plasticamente interessante, o diagramador deve trabalhar em equipe com o jornalista responsável pela matéria, assim é possível que haja um equilíbrio entre o textual e a imagem.

Um jornal impresso pode utilizar um mesmo projeto gráfico por anos, às vezes décadas sem que haja uma única alteração. Isso ocorre principalmente devido a periodicidade desse tipo de publicação. Criar uma diagramação diferente para cada matéria todos os dias causaria atrasos na publicação da edição. Já com a revista, por haver mais tempo entre uma edição e outra, há a possibilidade tanto de uma diagramação individual das reportagens, como da modificação do projeto gráfico da revista em si. Não que a cada edição se crie uma nova identidade visual para a publicação, mas principalmente em revistas segmentadas, por se tratar um mesmo assunto, a periodicidade do projeto gráfico tem uma validade menor que a do jornal diário.

Segundo Marília Scalzo (2003), os elementos gráficos mais modificados são os tipos, fios, espaços em branco e as cores, que comumente seguem as tendências gráficas do momento. Essas tendências muitas vezes têm influência da televisão, cinema, e principalmente da internet, e isso faz com que o diagramador redobre sua atenção para não criar uma versão impressa da televisão ou da internet.

Capa e fotografia são outros dois elementos extremamente importantes para uma revista. A capa é o primeiro contato do leitor com a edição. Uma capa pouco atraente, com muitas fotos e elementos gráficos ou com incoerência entre a chamada principal e a imagem de capa a revista pode acabar afastando o leitor.

Pelo tipo de suporte da revista, a fotografia é um elemento muito explorado, além de ser um dos primeiros elementos com que o leitor tem contato em uma revista. As revistas semanais são as que mais utilizam o fotojornalismo.

Marília Scalzo (2003,p.70), diz que “fotos provocam reações emocionais, convidam a mergulhar num assunto, a entrar numa matéria. Por isso ter fotos boas em mãos é fundamental”. Para provar essa teoria o grupo Abril fez uma pesquisa com leitores da revista *Veja*. Para o experimento utilizaram duas versões de uma mesma matéria de uma coluna, a primeira sem fotografia, a segunda ilustrada com uma fotografia. Os resultados mostraram que apenas 9% dos leitores se interessaram em ler a coluna sem fotografia, contra 15% dos que preferiram a matéria ilustrada. Porém não basta ter boas fotos se estas não estiverem bem posicionadas na página, geralmente os pontos de destaque são os cantos superiores ou o centro das páginas.

É comum em revistas segmentadas, como masculinas ou de decoração, o uso de fotos produzidas. Marília Scalzo (2003) explica que há dois tipos de fotos produzidas, as que servem de ilustração, e são produzidas como as da publicidade, com todo um processo de produção, iluminação, maquiagem e etc., uma foto tipo modelo; e as do tipo reportagem visual, que narram uma história a partir de uma pauta pré-definida.

Por fim, Marília Scalzo (2003,p.69) coloca que “São os valores e interesses do leitor que acabam por determinar a linguagem gráfica que será usada em uma publicação, por isso o projeto gráfico deve estar inserido no projeto editorial do veículo”.

3.2 A diagramação em jornais

Os primeiros jornais, surgidos no século XVI, em nada lembravam os jornais que temos hoje. Canga Larequi (1994), autor de *El Diseño Periodístico en Prensa Diaria*, explica como eram essas publicações:

Os primeiros “jornais” eram apresentados com o formato dos livros, embora geralmente apenas possuíssem quatro páginas; na primeira página das publicações periódicas usualmente surgiam apenas o título, a data e o nome do impressor, tal e qual como nos livros; frequentemente, a segunda página ficava em branco, começando o texto na terceira, sob um título genérico e com uma letra capitular. Geralmente o texto era composto a um

só tipo de caracteres, a toda a largura da página ou, eventualmente, a duas colunas; não se fazia qualquer distinção gráfica entre as diferentes peças. (LAREQUI,1994,p.56)

Somente dois séculos depois surgiram os primeiros diários, que começaram a se aproximar dos modelos de jornais que temos hoje. Canga Larequi (1994), destaca que os principais fatores dessa mudança foram, o aumento do tamanho dos jornais, o aumento do número de colunas, devido ao aumento do tamanho das publicações, e a diminuição do corpo das letras.

Jorge Pedro Sousa (2001) ressalta que o diagramador de jornal deve procurar a hierarquização das matérias por ordem de importância, buscar a legibilidade, e a incorporação equilibrada dos anúncios. Para isso se utiliza dos seguintes elementos: título; texto; cor; fio; colunas; espaçamento; e imagens, sejam elas fotografias, ilustrações, infográficos ou charges; e boxes.

Ao comparar jornais e revistas Marília Scalzo (2003) explica que os elementos que podem ser mais bem trabalhados em jornal são os tipos, fios, colunas e o espaçamento. O uso da cor e de imagens, apesar de muito utilizadas atualmente, em geral não é tão bem sucedido devido ao suporte utilizado, o papel jornal por absorver maior quantidade de tinta que o papel usado em revistas não proporciona um efeito visual tão interessante.

É necessário que o princípio da unidade seja mantido ao longo da publicação, criando uma identidade visual, que diferencia um jornal dos demais. Jornais impressos requerem pouca variedade de tipos. No caso de publicações ou suplementos especiais, o editor terá mais liberdade para empregar fontes diferentes, proporcionando diferentes efeitos sem causar prejuízo à identidade do veículo.

Cadernos de culinária, cultura, turismo, entre outros, são os que apresentam maior flexibilidade de diagramação, porém, mesmo nessas páginas, é imprescindível a existência de elementos que caracterizem a publicação na qual estão inseridos, servindo de referência ao leitor.

3.3 A influência das mídias eletrônicas

Sempre que uma nova mídia surge, é comum que surjam também idéias de que os demais meios sucumbirão frente a ela. Assim foi com a televisão em relação ao rádio e ao cinema, e com a internet e os veículos impressos.

Hoje, mais de uma década após a difusão massiva da internet, os veículos impressos e suas versões *online* tornaram-se complementares entre si. A tendência da mídia digital, desde os anos 90, era a reprodução da especialização dos meios impressos nos eletrônicos. As versões *online* eram uma cópia computadorizada do jornal impresso.

A nova linguagem exige um novo profissional polivalente, que domine ao mesmo tempo o texto, o audiovisual, a edição e a diagramação. Com a evolução da internet, dos computadores, dos programas de diagramação e edição de imagens, e principalmente, com a adaptação e renovação dos profissionais, os jornais *online* ganharam identidade visual própria.

Os jornais essencialmente digitais desenvolveram características próprias utilizando todo o potencial do novo meio. Neles é possível publicar matérias escritas, foto-reportagens inteiras, vídeos e áudios de diversos assuntos ou de um mesmo assunto para que o leitor escolha através de quais deles prefere se informar, além de em muitos jornais existir a possibilidade de o leitor comentar a notícia quase que em tempo real.

A maioria dos jornais impressos conservou sua formatação original em mosaico, com diversos segmentos que abrigam a pluralidade de assuntos, temas, e enfoques que refletem a fragmentação da sociedade, e passam a idéia de que o todo possa ser apreendido, mesmo que nem sempre seja possível ler todo o conteúdo de um jornal.

Mas há impressos, jornais e revistas, que, ou estendem a diagramação de sua versão *online*, ou usam em excesso elementos mais indicados para mídias eletrônicas. Segundo Marília Scalzo (2003), autora de *Jornalismo de Revista*, não adianta querer imitar os formatos da televisão, e das outras mídias eletrônicas:

[...] o segredo é ser o que se realmente é [...] É preciso respeitar a vocação essencial década meio. Por mais que se tente, às vezes não adianta querer reproduzir os recursos da internet ou da tevê em papel, assim como não adianta querer fazer uma revista, no sentido tradicional do termo, no vídeo ou na tela do computador. (SCALZO, 2003,p.38)

4 DIAGRAMAÇÃO E O MODELO TEÓRICO DO MEIO COMO MENSAGEM

4.1 O modelo teórico de Marshall McLuhan

Em 1962, o professor de literatura inglesa da Universidade de Toronto, Marshall McLuhan, publicou o livro *A galáxia de Gutenberg*, onde discutiu as mudanças operadas pelos meios de comunicação de sua época sobre a sociedade, especialmente o tipo. Suas observações partem do fato de que "somos o que percebemos e nossa percepção muda e varia conforme mudam e variam os nossos modos de usar os sentidos". (McLuhan, 1967,p.32).

Quando o homem inventou a escrita introduziu um fator restritivo no seu modo de ser, já que até então, a disseminação das idéias era feita oralmente e a vida se desenrolava através da percepção sensorial. Mas apenas uma fração da história da alfabetização foi tipográfica. A escrita só conseguiu quebrar o poder da oralidade, quando no fim da Idade Média, foram introduzidas as técnicas de uniformização e reprodução.

O aumento da quantidade informação favoreceu a organização visual do saber e do surgimento da perspectiva e da tipografia. A invenção da tipografia confirmou a ênfase no visual, e tornou a comunicação ainda mais restritiva e unidimensional, tornando os livros praticamente o único meio pelo qual o saber era adquirido ou armazenado. A tipografia transformou a linguagem, de um meio de percepção e exploração em um utensílio portátil, em consequência, "como qualquer produto, modelou não apenas relações sensíveis e particulares, mas também os padrões de interdependência comunal" (McLuhan, 1962,p.57).

O processo tecnológico tipográfico era visual, linear e fragmentado, formando seqüências, uma letra após a outra, uma palavra após a outra, um período após o outro. Para McLuhan (1962), foram essas características que estabeleceram a primeira linha-de-montagem, e a primeira produção em massa. O tempo do homem tipográfico tornou-se seriado e pictórico.

Em seu livro *Os meios de comunicação como extensões do homem* (1967), McLuhan defende que nossos sentimentos têm seu relacionamento natural e harmonioso com as tecnologias que estendem nossos sentidos, a palavra escrita é uma extensão de nossos olhos, o vestuário de nossa pele, o rádio de nossos ouvidos e assim por diante. É a partir das alterações que causamos em nossas

relações com os meios de comunicação que começamos a nos distanciar de nossa natureza instintiva e biológica, e a construir uma natureza social.

Mas, ao mesmo tempo em que os meios estendem nossas capacidades, eles deformam nossos sentidos. McLuhan diz:

A palavra, no seu uso puramente oral, é a que menos o deforma, porque ainda mantém o uso da audição, do tato e da vista em relativa regularidade posicional. Mas depois, com o alfabeto fonético, ficam a vista e o ouvido. Com a imprensa, porém, o alfabeto faz-se silencioso, ficamos com a vista em exaltação quase suprema e, então, as deformações que se operam criam o absurdo homem moderno, visual, linear, uniforme, mecânico, unidimensional, esquizofrênico, em estado de angústia permanente. Agora, a comunicação eletrônica irá nos repor no mundo oral, no mundo auditivo, no mundo da imagem, no mundo do tato [...] (MCLUHAN, 1967,p.83)

A comunicação envolve a tecnologia da linguagem. Originalmente essa tecnologia era a da fala, a linguagem era a palavra oral. Toda cultura era baseada em relatos orais passados de geração a geração. Com o alfabeto fonético a cultura torna-se escrita, com a chegada da imprensa a cultura fez-se cultura da palavra impressa. A cultura escrita teve sua forma de expressão na literatura.

Toda a estrutura da sociedade e o modo de pensar e sentir se alteraram com a introdução da escrita. McLuhan (1967) tenta explicar a relação da sociedade com o meio através de uma comparação:

[...] não sabemos quem criou a água, mas sabemos por certo que não foram os peixes. Vivemos em nossas culturas como os peixes na água. A cultura é o nosso meio, os problemas são o que nos suscita esse meio, mas o meio não é objeto de nossa indagação. Daí, o meio ser a mensagem, que nos faz e nos transforma, mas que ignoramos e do qual não temos consciência, porque estamos como os peixes, mergulhados e hipnotizados por ele. (MCLUHAN, 1967,p.39)

Para McLuhan (1967) toda tecnologia que estenda os sentidos e as faculdades humanas produz conseqüências que resultam de atuação causal da tecnologia assimilada ou incorporada. O meio é visto como um conjunto de fatores que são conseqüência à introdução de qualquer nova tecnologia de extensão dos nossos sentidos e faculdades. O meio é, assim, mensagem, comunicação, algo invisível, mas atuante, que caracteriza a atividade humana.

O conteúdo de um meio é outro meio. O conteúdo da escrita é a fala, o conteúdo do impresso é a palavra escrita, ele é sempre a tradução de algo anterior

sob uma nova forma. O meio controla e modela a forma e a escala em que as atividades passam a poder ser praticadas.

O meio tem mensagem própria, mas o conteúdo contido no meio nos cega em relação ao conteúdo que é o próprio meio. O hábito de identificar o conteúdo é a razão pela qual não temos consciência do meio, e por isso, de não estudá-lo. Não temos consciência do meio, apenas de seus efeitos, assim, deixamos de estabelecer a conexão entre o meio e tais efeitos. Isto ocorre porque todo novo meio tecnológico constitui-se, ao ser absorvido pela sociedade, em um verdadeiro impacto sobre nosso modo de perceber a vida, causam mudanças nas relações entre os seres humanos e na estrutura social que são promovidas pela evolução dos meios de comunicação.

Para McLuhan (1967), se o meio é a mensagem, temos de estudá-lo, compreendê-lo e procurar controlá-lo e dirigi-lo, para que não apenas nos entregarmos a seus efeitos. Na esperança de que a sociedade se desperte desse sono hipnótico e perceba por que somos como somos, e por que a cultura é o que é, e conhecendo a cultura, sejamos capazes de orientá-la e dirigi-la.

4.2 A diagramação como mensagem

A necessidade do homem de criar códigos que o expliquem gerou o design, e a necessidade de comunicação entre os homens e os diversos sistemas que o rodeiam deram origem a uma variedade de áreas que hoje formam o conceito de design, dentre elas a diagramação.

O diagramador é o profissional que busca a melhor forma de fazer a mediação entre a produção jornalística e os leitores. O conteúdo é que impulsiona o projeto gráfico e este reflete a identidade das pessoas para as quais o jornal se destina, o design de notícias pretende conquistar a atenção do público e expressar a mensagem que através do meio é veiculada.

Segundo Amarildo Carnicel (1999), por trás do projeto gráfico de qualquer veículo de mídia impressa há uma questão que sempre acompanha o editor de arte: a identidade do veículo. Quando o leitor vir uma página e souber a que publicação ela se refere, ou seja, no instante em que ele, a partir do projeto gráfico apresentado, souber identificar o veículo mesmo sem ver o logotipo, o diagramador terá alcançado seu objetivo. Conhecer os conceitos relacionados à prática

jornalística e as características do público alvo é fundamental para a escolha dos elementos que constituirão o design da página e, por conseguinte, o veículo.

Além disso, Flávio Vinícius Cauduro (1998) aponta para a importância das correlações que o leitor faz entre a mensagem e os padrões culturais que acumulou ao longo da vida, pois o conhecimento adquirido influencia a compreensão dos componentes gráficos que constituem a página. Ou seja, para as mensagens chamarem a atenção e serem assimiladas são necessários, no projeto gráfico do impresso, elementos que façam parte do repertório histórico-cultural da população.

Cauduro (1998,p.26) acredita que o projeto gráfico só é eficiente quando combina “na devida proporção técnica, emoção e razão [...] para representar tanto as intenções de autores quanto os desejos dos leitores”. O design assume, então, o papel de mediação entre a informação jornalística e o leitor.

Os meios impressos não podem mais ver de forma isolada a notícia do aspecto visual, ambos devem ser tratados com prudência e ética. O projeto gráfico não é somente uma seqüência de componentes gráficos, mas um processo de comunicação. O design deve comunicar a realidade recortada e representada nas páginas de jornais e de revistas textualmente, o conteúdo e o desenho da página devem ser complementares, ao invés de um se sobrepor ao outro.

Allen Hurlburt (1977) diz que

[...] para construir uma mensagem em design é necessário escolher letras das mais variadas estruturas, procurar no gesto, no traço, na fala, na escrita, na escrita da escrita. Às vezes é necessário decompor uma linguagem pegar uma ínfima parte dela e misturá-la com outras tantas para se fazer design, para se escrever design. (Hurlburt, 1977,p.107)

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO

5.1 Análise dos cadernos especiais das Olimpíadas

Nesta etapa, analisei os cadernos especiais sobre os Jogos Olímpicos dos jornais Correio Braziliense, Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo e Jornal do Brasil, dos dias 10, 17, 24 e 25 de agosto de 2008.

5.1.1 Análise do jornal Correio Braziliense

O Correio Braziliense é o jornal mais vendido de Brasília e uma referência em diagramação desde sua reforma gráfica nos anos 90, tendo recebido inúmeros prêmios na área de artes gráficas.

Para cobrir as Olimpíadas o jornal adaptou seu caderno de esportes, dedicando quase todo o espaço para os Jogos Olímpicos, apenas três ou quatro das doze páginas foram usadas para falar de outros eventos esportivos não ligados as Olimpíadas. O caderno, assim como o jornal, é em formato standard, 317x 560 mm, as páginas estão divididas em cinco colunas um pouco mais largas que o convencional, ocupadas com texto, fotos recortadas ou não, tabelas, sutis e boxes.

Tipo:

. **Do título:** Os títulos das matérias sobre as Olimpíadas ocupam de duas a três linhas e foram escritos com um tipo sem serifa, em caixa alta apenas no início das frases, normalmente com duas cores, preto e vermelho, e com diferentes tamanhos de letras de uma palavra para outra do mesmo título (figura 8).

Já os títulos de matérias sobre os esportes e campeonatos não olímpicos ocuparam até duas linhas, usam tipos serifados, também apenas com a letra que inicia a frase em caixa alta, sempre nas cores preto e um tom de cinza (figura 9).



O caminho
para a vitória

Figura 8 – Título usado na capa do caderno de esportes de 17/08/08

Raposa

quer manter o embalo

Figura 9 - Título usado na pág. 46 do caderno de esportes de 10/08/08

. **Do texto:** Os textos dos sutiãs das matérias olímpicas usam tipos sem serifa em caixa alta (figura 10); os das matérias não olímpicas usam letras serifadas, com apenas a letra inicial da frase em caixa alta (figura 11). O texto dos olhos variou a cada página, em alguns usou tipos sem serifa com apenas a letra inicial em caixa alta, em outros usou outro tipo sem serifa com todo o texto em caixa alta, alguns também usaram recursos negrito e sublinhado. Em todas as matérias são usados tipos serifados, exceto em boxes, onde se utiliza tipos sem serifa.

QUATRO ANOS DEPOIS DE PERDER PARA
A RÚSSIA EM ATENAS, BRASIL ENCARA
NOVAMENTE AS EUROPÉIAS, AGORA
PELA SEGUNDA RODADA DA FASE DE
CLASSIFICAÇÃO DOS JOGOS DE PEQUIM

Figura 10 - Sutiã de uma das matérias olímpicas da pág. 40 do caderno de esportes de 10/08/08

Vice-líder Cruzeiro encara a Portuguesa. Fluminense tenta vencer a segunda seguida, contra o lanterna Ipatinga. Tita faz sua estréia no Vasco diante do Vitória, no Barradão

Figura 11 - Sutiã de uma das matérias não olímpicas da pág. 46 de 10/08/08

Cor: O jornal usou cores quentes como os vários tons de vermelho, amarelo, laranja, aproveitando assim a harmonia consonante existente para remeter o leitor às cores da bandeira chinesa. O preto e o cinza também foram bastante utilizados. O vermelho-alaranjado e vermelho foram usados no cabeçalho das páginas que

tratavam das Olimpíadas no caderno (figura 12); o vermelho intercalado com o preto nos títulos (figura 8); o amarelo foi usado nos ícones e subtítulos que antecediam as matérias de determinado esporte (figura 13). O laranja foi usado em detalhes de algumas páginas, como o fundo de alguns títulos, como os da grade de competições do dia (figura 14), intercalado com o preto em dois ou três títulos e nos subtítulos que antecediam notas sobre determinado esporte. O preto esteve presente em todos os títulos, intercalado com o vermelho nos títulos olímpicos, e pelo cinza (figura 9) nos títulos das matérias que não falavam sobre as Olimpíadas, além de ser a cor de todos os textos, sutiãs, boxes e olhos.



Figura 12 – Cabeçalho da capa do caderno de esportes de 17/08/08



Figura 13 – Subtítulo indicativo de esporte da matéria da capa do caderno de esportes de 17/08/08



Figura 14 – Título de um dos esportes presentes na grade de competições da página 38 de 10/08/08

Imagem:

. **Fotografia:** Todas as páginas contaram com pelo menos uma fotografia. Os tamanhos variaram de quase meia página a pequenas fotos de colunistas (figura 15). A maioria das fotografias veio de agências de notícias, algumas da D.A Press, agência do grupo Diários Associados. A maioria das fotos de páginas não olímpicas era usada por inteiro e sempre trazia uma moldura da cor preta (figura 16).

Quase todas foram usadas por inteiro, algumas foram recordadas em contorno e colocadas sob o texto (figura 17), algumas tiveram aplicação de títulos e textos sobre elas. Todas as fotos de colunistas eram recordadas em contorno.



Figura 15 – Foto recortada em contorno do colunista Tostão na coluna da pág. 44 de 10/08/08



Figura 16 - Foto de uma das páginas não olímpicas, pág. 44 de 10/08/08



Figura 17 – Imagem recortada com aplicação de texto, pág. 44 de 10/08/08

. **Ilustração:** A ilustração esteve presente nos ícones dos esportes, nos quadros de medalhas (figura 18), nas grades de programação e principalmente no cabeçalho do caderno, que trazia um dragão chinês vermelho-alaranjado sobre um fundo vermelho.

	OURO	PRATA	BRONZE	TOTAL
1. China	2	0	0	2
2. Estados Unidos	1	1	1	3
3. Coreia do Sul	1	1	0	2

Figura 18 – Ilustrações das medalhas e do dragão chinês ao fundo, pág. 38 de 10/08/08

Infografia: Apesar de ser um recurso sempre muito utilizado pelo jornal, no caderno dedicado as Olimpíadas foram usados poucos infográficos, os usos foram para

explicar a localização de países e o posicionamento de jogadores em campo em jogos de futebol (figura 19).



Figura 19 – Infográfico do posicionamento de jogadores de futebol em campo usado em matéria não olímpica, pág. 46 de 10/08/08

5.1.2 Análise do jornal O Estado de S. Paulo

A escolha do jornal O Estado de S. Paulo se deu primeiro por ser um jornal de alta vendagem, depois por ser uma publicação que com o passar dos anos vem modernizando sua diagramação.

O jornal trouxe um suplemento especial sobre os Jogos Olímpicos, com doze páginas em média, das quais duas são sobre os demais esportes e campeonatos que aconteciam além das Olimpíadas. A publicação, inclusive o suplemento olímpico, é em formato standard, 317x560 mm, as páginas estão divididas em seis colunas, que podem estar ocupadas não só com texto como com fotografias recortadas, tabelas, sutiãs ou boxes.

Tipo

. **Do título:** Os títulos das matérias sobre as Olimpíadas ocupam até três linhas; são compostos por letras grandes sem serifa, todas em caixa alta, na maioria dos casos

alguns títulos intercalam letras pretas com vermelho-alaranjadas, ou letras normais com outras em negrito (figura 20). Os subtítulos são com tipos sem serifa, em caixa alta.

Já os títulos de matérias sobre os esportes e campeonatos não olímpicos ocupam até quatro linhas, também usam tipos sem serifa, porém apenas com a letra que inicia a frase em caixa alta, em todos predomina também o uso de letras espessas, sem alternâncias de cores ou destaques (figura 21).

PHELPS, O DEMOLIDOR DE RECORDES, GANHA O 1.º OURO

Figura 20 – Título da matéria da capa do caderno de esportes de 10/08/08

A meta é manter a boa fase

Figura 21 – Título de uma das matérias não olímpicas da pág. H11 de 10/08/08

. **Do texto:** O texto dos “sutiãs” das matérias olímpicas intercala tipos serifados com tipos sem serifa coloridos (figura 22), os das matérias não olímpicas usaram textos sem serifa e sem destaques (figura 23). Os textos dos “olhos” usam tipos serifados em negrito, com letras iniciais em caixa alta, alguns intercalam tipos serifados com tipos sem serifa coloridos. Em todas as matérias são usados tipos serifados, exceto em boxes e nas colunas dos comentaristas, onde se utiliza tipos sem serifa.

Na final dos **400 medley**, ele bateu marca mundial

Figura 22 – Sutiã da matéria da capa do caderno de esportes de 10/08/08

Palmeiras, que não perde há cinco jogos, enfrenta o Botafogo no Rio e sonha com a vice-liderança

Figura 23 – Sutiã de uma das matérias não olímpicas da pág. H11 de 10/08/08

Cor: As cores mais usadas foram o preto, o vermelho-alaranjado, o amarelo, e o ciano. O preto foi usado nos textos e na maioria dos títulos; o vermelho-alaranjado, depois da cor preta, foi o mais usado, estava presente no cabeçalho do caderno (figura 24), intercalado com o preto em alguns títulos e em algumas linhas de contorno da capa. O amarelo estava presente na maioria das linhas de contorno das páginas, que delimitava as matérias (figura 25), o azul esteve presente em poucos títulos e “sutiãs”, sempre intercalando outra cor.



Figura 24 – Cabeçalho do caderno de esportes de 10/08/08

de mundial de 4x100m, que havia sido estabelecido em Jambó.

Com a vitória, os recordes mundiais e olímpicos, o nadador começa com o pé direito sua tentativa de superar o recorde de seis medalhas de ouro na nadção em uma Olimpíada, conquistado pelo campeão Mark Spitz em Munique/1972. Em Atenas/2004, Thiago chegou perto de isso, conquistou seis medalhas de ouro e duas de bronze.

No pool de 200m, o atleta americano não deu a menor chance aos adversários. O segundo colocado, o húngaro László Cseh, fechou a prova com 4min56s9 (novo recorde europeu), e o medalista de bronze, o também americano Ryan Lochte, fez 4min58s0.

"Estou muito feliz. Sabe que já sei ser uma prova muito dura", disse Pereira.

"Não vou ser todos muito rápidos até os 200 metros, não sei ser muito rápido com essa situação. Assim, até que um pouco mais me dá brigadas no pool, e depois disso, o meu foco é para a final.",

Lochte, que todos esperavam ser o grande campeão do mundo de 200 metros, acabou desanimado. Seu tempo na prova foi pior que o que havia feito nas três finais se-

letrizes americanas. O atleta mostrou-se decepcionado com o resultado. "Foi o melhor que pude", limitou-se a dizer.

O brasileiro Thiago Pereira nadou quase toda a prova em quarto lugar. No entanto, nos últimos 100 metros, ao lado livre, teve grande queda no ritmo e acabou terminando sem o melhor lugar, com 4min12s40 (ver foto).

Thiago já volta para a piscina no próximo domingo para disputar a final dos 200 metros nado livre. Ele ainda vai disputar os 100 e 150 metros borboleta, os 200 metros medley e os revezamentos 4x100 e 4x200 metros nado livre e 4x200 metros medley. Em Atenas, o sonho dos dois atletas ficou para trás com os bronzes nos 200 metros nado livre, prova ganha pelo australiano Ian Thorpe, e no revezamento 4x200 metros nado livre, ganho pela Alemanha e Sul e

Figura 25 - Linha amarela que delimita matéria da capa do caderno de esportes de 10/08/08

Imagem

. **Fotografia:** Todas as páginas contaram com pelo menos uma fotografia, mesmo que fosse do colunista que estava na página. Os tamanhos variaram de quase uma página inteira (figura 26) a pequenas fotos de colunistas. As fotos de páginas não olímpicas eram usadas por inteiro. A maioria das fotografias veio de agências de notícias internacionais, algumas da Agência Estado.

Quase todas foram usadas por inteiro, poucas foram recordadas, sempre em contorno, algumas tiveram títulos e textos aplicados sobre elas, fotomontagens com medalhistas de diferentes modalidades também foram utilizadas. Todas as fotos de colunistas eram recordadas em contorno.



Figura 26 – Foto de quase meia página da capa do caderno de esportes de 10/08/08

. **Ilustração:** Foram usadas ilustrações para representar principalmente, bandeiras dos países e medalhas nos quadros de medalhas, ilustrações das categorias esportivas, e desenhos de sóis e luas para os horários dos jogos (figura 27).



Figura 27 - Ilustrações de bandeiras, lua, sol à esquerda e medalhas à direita, pág. H8 de 10/08/08

Infografia: Os infográficos foram usados utilizaram fotografias e ilustrações para explicar os movimentos e pontuações em alguns esportes (figura 28).

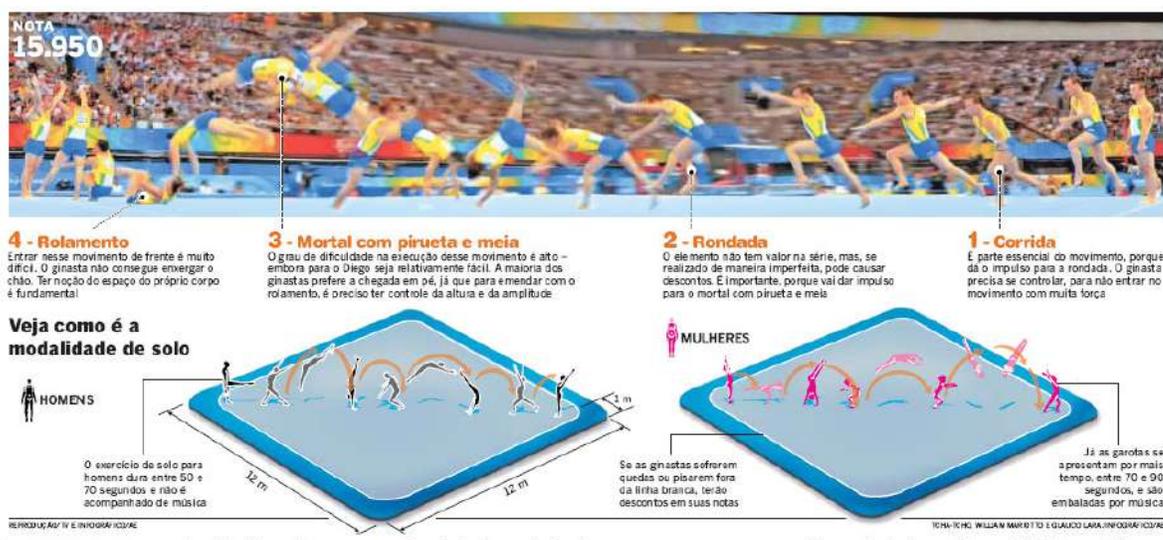


Figura 28 – Infográfico explicando salto de Diego Hypólito, pág. H3 de 10/08/08

5.1.3 Análise do jornal Folha de S. Paulo

A escolha do jornal Folha de S. Paulo se deu primeiro por ser um jornal de alta vendagem, depois por ser uma das publicações mais tradicionais do país.

O jornal adaptou seu caderno de esportes, dedicando quase todo o espaço para os Jogos Olímpicos, apenas três ou quatro das em média 16 páginas foram usadas para falar de outros eventos esportivos não ligados as Olimpíadas. O caderno, assim como o jornal, é em formato standard, 317x 560 mm, e as páginas estão divididas em cinco ou seis colunas, ocupadas com texto, fotos recortadas ou não, tabelas, sutias e boxes.

Tipo:

. **Do título:** Os títulos das matérias sobre as Olimpíadas ocupam até quatro linhas; são compostos geralmente por letras serifadas, com as letras iniciais das frases em caixa alta, em todos os títulos foi usada a cor preta (figura 29). O jornal não usou subtítulos nessas matérias. Fato interessante no jornal foi o uso de ideogramas, que são caracteres chineses nas capas dos cadernos (figura 30).

Os títulos de matérias sobre os esportes e campeonatos não olímpicos também ocupam até quatro linhas, usam tipos serifados diferentes dos usados nos títulos olímpicos, com a letra que inicia a frase em caixa alta, e sempre na cor preta (figura 31).



Figura 29 – Título de matéria da pág. D3 de 17/08/08



Figura 30 – Ideograma chinês usado na capa do caderno de Esporte 17/08/08



Figura 31 – Título de matéria não olímpica da pág. D 13 de 24/08/08

. **Do texto:** Os textos dos subtítulos das matérias olímpicas usam o mesmo tipo serifado dos títulos olímpicos, apenas em tamanho menor, com as letras iniciais das frases em caixa alta; os das matérias não olímpicas usam letras serifadas similares ao do texto, e letras sem serifa em negrito, com apenas a letra inicial da frase em caixa alta. O texto dos olhos usou tipos serifados, com apenas a letra inicial em caixa alta, e na cor preta. Em todas as matérias são usados tipos serifados, inclusive nos boxes.

Cor: As cores mais usadas foram o preto, o vermelho, o laranja, aparecendo raramente o ciano e o azul. O preto foi usado nos textos nos títulos; o vermelho, depois da cor preta, foi o mais usado, estava presente no título do caderno (figura 32), em algumas ilustrações e intercalado com o preto em alguns subtítulos. O laranja foi usado nos subtítulos que anunciavam as matérias de determinado esporte

(figura 33), e intercalado com o preto nos sutiãs das matérias que finalizavam o caderno. O ciano esteve intercalado com o preto em alguns sutiãs de matérias de fim de caderno, e o azul, também intercalado com o preto em algumas chamadas de capa.



Figura 32 – Cabeçalho da capa do caderno de esportes de 17/08/08



Figura 33 - Subtítulo indicativo de esporte do caderno de esportes da pág. D3 de 17/08/08

Imagem:

. **Fotografia:** O jornal usou várias fotos por página (figura 34), geralmente de tamanho médio e pequeno, algumas tiveram títulos e textos aplicados sobre elas, não foram usadas fotos dos colunistas e poucas fotos foram recortadas. A maioria das fotografias veio de agências de notícias internacionais, algumas da Folha Imagens, agência do grupo Folha.

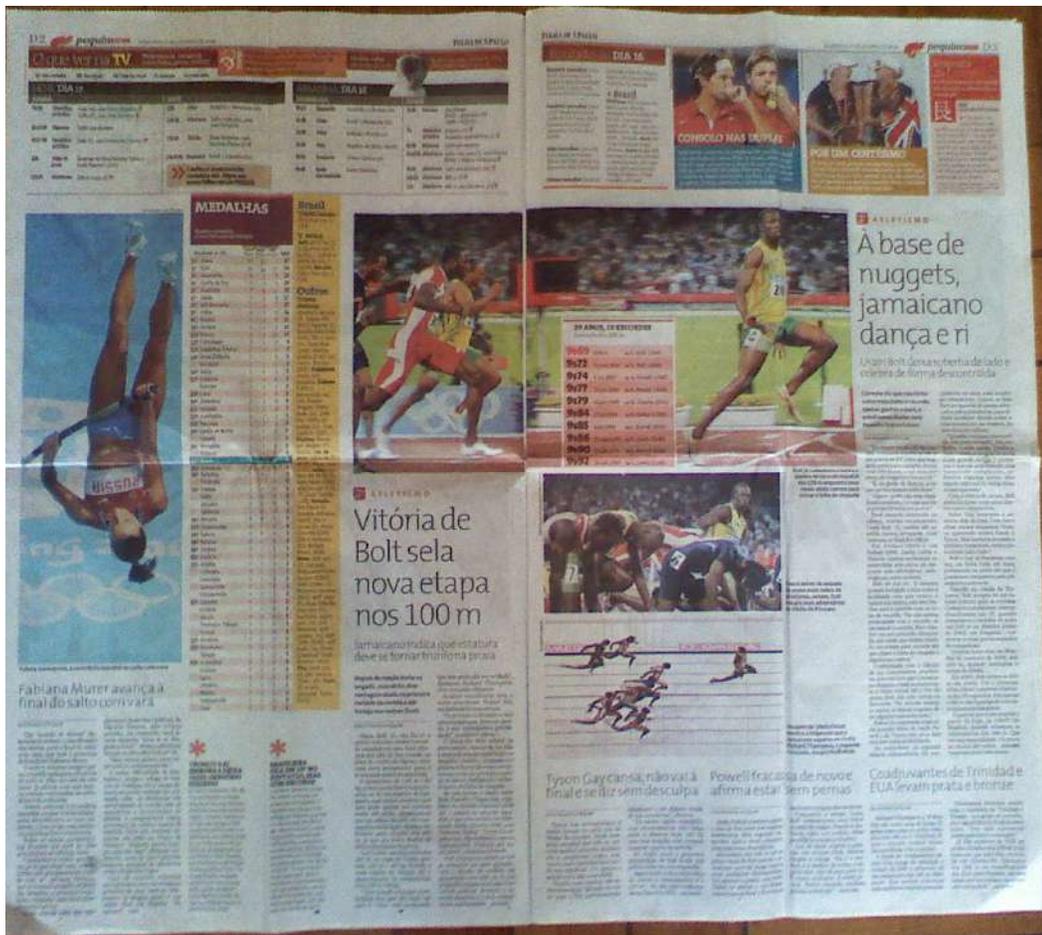


Figura 34 – Exemplo do uso de várias fotos nas págs. D2 e D3 de 17/08/08

. **Ilustração:** A ilustração foi usada no título, num tipo de chama estilizada (figura 35), nos quadros de medalhas, e nos ícones que representavam os esportes.



Figura 35 – Ilustração da chama olímpica usada no cabeçalho da capa do caderno de esportes de 17/08/08

Infografia: Os infográficos foram usados para explicar movimentos de algumas modalidades olímpicas (figura 36) e reunir medalhistas.



Figura 36 – Infográfico explicando salto de Daiane dos Santos, pág. D6 de 17/08/08

5.1.4 Análise do Jornal do Brasil

O Jornal do Brasil foi escolhido não por sua vendagem, que hoje se resume quase que por completo ao estado do Rio de Janeiro, mas por sua representatividade histórica dentro da diagramação, já que o JB foi o pioneiro da reforma gráfica pela qual os jornais brasileiros passaram entre os anos 50 e 60.

O jornal trouxe um suplemento especial exclusivo sobre os Jogos Olímpicos, formado por oito páginas, apenas algumas páginas eram coloridas, a saber, capa, as duas folhas centrais, a última página, e em algumas páginas uma ou duas fotos coloridas. Jornal e suplemento são em formato tablóide germânico, com páginas divididas em cinco colunas, ocupadas por texto, fotografias, tabelas e boxes.

Um diferencial do Jornal do Brasil em relação aos demais jornais analisados foi o uso da capa como se usa em revista. Nos demais jornais, além de uma foto de aproximadamente meia página, todos os outros jornais trouxeram matérias na capa. O Jornal do Brasil usou uma fotografia de página inteira com aplicação das chamadas sobre ela, como em uma capa de revista.

Tipo:

. **Do título:** Os títulos das matérias ocupam até quatro linhas; são compostos por tipos sem serifa, com a letra inicial da frase em caixa alta, todos nas cores preta nas matérias, e branca nas chamadas de capa (figura 37). Os subtítulos também são com tipos sem serifa, com a letra inicial da frase em caixa alta.

**Isabel Swan
desfruta do
sucesso após
feito histórico**

Figura 37 - Título de matéria olímpica da pág. D2 de 25/08/08

. **Do texto:** Os textos dos sutiãs usam tipos sem serifa, com a letra inicial da frase em caixa alta (figura 38). Os textos dos olhos variaram a cada página, em alguns usaram tipos sem serifa com apenas a letra inicial em caixa alta e entre uma linha no topo e outra na base; em outros também usaram outro tipo sem serifa com todo o texto em caixa alta, e sem linhas de borda. Em todas as matérias são usados tipos serifados.

Turma do blog Bronze Brasil 2008
só torceu pelos terceiros lugares

Figura 38 – Sutiã de matéria da pág. D2 de 24/08/08

Cor: O jornal não investiu muito nas cores, as duas cores usadas foram o preto e a vermelho. O preto, além de ser usado em títulos e textos, também era a cor do título do caderno. O vermelho foi usado, juntamente ao preto, no título do caderno (figura 39), e nos nomes dos esportes das matérias principais nas páginas coloridas.



Figura 39 – Cabeçalho da capa do caderno de esportes de 24/08/08

Imagem:

. **Fotografia:** Quase todas as páginas trouxeram pelo menos uma foto, os tamanhos variaram de uma pequena foto do colunista a fotos de página inteira. As principais fontes das fotos foram agências internacionais e o Comitê Olímpico Brasileiro.

Quase todas foram usadas por inteiro, poucas foram recordadas, algumas tiveram títulos e textos aplicados sobre elas. Todas as fotos de colunistas eram recordadas em contorno.

A fotografia de capa foi um diferencial do Jornal do Brasil em relação aos demais jornais analisados, pois trazia uma fotografia de página inteira com aplicação das chamadas sobre ela, como em uma capa de revista (figura 40).



Figura 40 – Capa do caderno de esportes de 25/08/08

. **Ilustração:** O uso da ilustração se resumiu a ilustração do quadro de medalhas (figura 41).

	ouro	prata	bronze	TOTAL
1º Estados Unidos	2	1	4	7
2º China	2	1	0	3
3º Coreia do Sul	2	1	0	3
4º Austrália	1	0	0	1
Espanha	1	0	0	1
Ressública Tcheca	1	0	0	1

Figura 41 – Ilustração das medalhas no quadro de medalhas da pág. D2 de 10/08/08

Infografia: O uso da infografia se resumiu a algumas tabelas mostrando características de adversários do Brasil e os medalhistas brasileiros.

5.2 Discussão

O tema proposto para discussão neste trabalho é o papel da diagramação como mensagem, e para tal foram usados o modelo teórico do meio como mensagem proposto por Marshall McLuhan (1967) e a análise dos cadernos olímpicos escolhidos.

Resumindo o modelo mcluhiano, o meio é mensagem porque é fator atuante na transmissão da informação, essa afirmação somada à análise dos cadernos comprova que o projeto gráfico de um veículo impresso não é somente uma seqüência de componentes gráficos, mas um processo de comunicação.

No jornalismo impresso atual, a diagramação segue a linha editorial do veículo. Os mais tradicionais costumam ter uma diagramação mais simples, normalmente com pouco uso de cores, muitas colunas, tipos pouco confortáveis de leitura, ou pouco espaçamento, como por exemplo a *Folha de S. Paulo*. Já jornais mais modernos costumam apostar nas cores, tipos sem serifas e maior espaçamento entre linhas e colunas.

Alguns jornais tradicionais como o *Correio Braziliense*, apostaram na inovação visual, chamada de reforma gráfica, para atrair o público e manter-se no mercado, usam com muita propriedade espaços em branco, tipos variados, fotos em grandes tamanhos e capas-poster. Há também o caso dos jornais populares, como o *Extra*, do Rio de Janeiro, ou o *Coletivo* (figura 42), de Brasília, de valores baixo ou até gratuitos, que costumam utilizar excesso de cores fortes, tipos pesados, muito espessos ou em negrito, e um número muitas vezes maior de imagens que de texto.



Figura 42 – Capa do jornal Coletivo de 15/10/08, exemplo do uso excessivo de cores e tipos pesados

Mesmo sendo classificada como arte visual, a diagramação não tem o papel estético típico das artes, e sim a função de auxiliar, por meio do tipo, da cor, de imagens e de outros elementos eventualmente utilizados, na transmissão do conteúdo da notícia de forma satisfatória. A partir da análise dos cadernos olímpicos dos jornais foi possível constatar a ligação e a importância entre o conteúdo do texto e a arte da página, e conseqüentemente a função comunicacional da diagramação nesses jornais.

Por exemplo, para fazer alusão à China, país sede das Olimpíadas de 2008, todos os cadernos usaram alguma tonalidade de vermelho e amarelo, que são as cores da bandeira chinesa. Esse uso das cores da bandeira chinesa mostra a importância da correlação que o leitor faz entre a mensagem e os padrões culturais

que acumulou ao longo da vida, como ressaltou Cauduro, pois sem um conhecimento mínimo sobre o país em questão o uso das cores da bandeira pareceria apenas uma escolha aleatória do diagramador.

Outros dois aspectos comprovados pela análise dos jornais foram o uso da tipografia serifada por jornais tradicionais, como pode ser visto no mais tradicional dos jornais analisados, a *Folha de S. Paulo*, que utilizou tipos serifados inclusive nos títulos; e o uso de tipos serifados no texto, o mais aconselhado para grandes blocos de texto, já que as serifas dão uma sensação de ligação às letras e facilitam a leitura. Essa aplicação dos diferentes tipos mostra a importância da tipografia no universo do homem tipográfico, como McLuhan (1962) classifica o homem pós-imprensa em seu modelo teórico. A escolha do tipo não é feita ao acaso, mas para transmitir uma mensagem da forma mais clara possível, a fim de agradar a um determinado grupo, seja ele o público ou o grupo editorial ao qual pertence.

Curiosamente a infografia foi pouco utilizada em todas as publicações, inclusive no *Correio Braziliense*, conhecido pelo bem sucedido uso desse recurso gráfico. Já a fotografia manteve seu lugar de destaque no mundo visual do ser tipográfico, trazendo emoção e movimento através, das fotos dos atletas em ação, aos textos das matérias.

Dos elementos gráficos utilizados na diagramação dos cadernos analisados, o que teve um caráter mais estético de fato foi a ilustração, que esteve presente, na maioria dos casos, substituindo possíveis imagens reais, como fotografias das medalhas ao invés de ilustrações, o que foi usado em todas as publicações.

6 CONCLUSÃO

O tema deste trabalho permitiu que se conhecesse um pouco mais sobre a história da imprensa escrita, e os elementos gráficos que fazem parte deste universo, além de levantar a discussão sobre a importância das artes gráficas dentro da comunicação.

O tipo é a essência da existência do jornalismo impresso, sem ele não há comunicação de fato. A partir do surgimento da escrita o homem passou a transmitir seu conhecimento de forma recortada, moldada pelo tipo, pelo uso da letra. Segundo McLuhan (1962), o surgimento da tipografia modificou a percepção de tempo do homem, ela acelerou o modo de vida da humanidade e acrescentou grandes cargas de informação.

A organização visual favoreceu a absorção do excesso de informação, ajudando a classificá-la dos assuntos mais aos menos importantes. Desde que os jornais assumiram sua forma atual e abandonaram o formato de livro a informação é exposta em forma de mosaico, ou seja, várias informações concentradas numa mesma página.

Nessa realidade, a diagramação tem como função, organizar a grande quantidade de informação destinada ao muitas vezes pequeno espaço da página; ressaltar certos aspectos dentro de cada matéria e atrair a atenção do leitor para determinada publicação, já que com o desenvolvimento de outras tecnologias de comunicação, a mídia impressa perdeu seu status de única fonte de informação, apesar de ter se tornado sinônimo de maior aprofundamento da notícia.

A partir da pesquisa realizada neste trabalho, chega-se a conclusão que, pelo que defende McLuhan (1967) em relação aos meios, a diagramação pode ser a mensagem, já que é fator atuante na transmissão da informação, e em alguns casos, como o uso das cores da bandeira chinesa nos cadernos sobre as Olimpíadas de Pequim, a própria diagramação tem uma mensagem própria.

Ainda usando o modelo teórico de McLuhan (1967) que diz que nossos sentimentos têm seu relacionamento natural e harmonioso com as tecnologias que estendem nossos sentidos, a palavra escrita é uma extensão de nossos olhos, o vestuário de nossa pele, o rádio de nossos ouvidos, pode-se concluir que as artes gráficas são a extensão das funções cognitivas do ser humano ligadas às artes e à abstração.

Algumas das dificuldades encontradas para a realização deste trabalho foram os livros sobre artes gráficas existentes, que são muito técnicos, os mais analíticos são voltados para as artes plásticas, há uma carência de livros que analisem o papel das artes gráficas dentro da comunicação. Outra dificuldade encontrada foi a inexistência de uma uniformidade da classificação do nome das cores, cada autor usava nomes diferentes para classificar, principalmente, as cores terciárias e complementares. Além disso, há a inexistência de uma versão *online* ou digital do jornal *Folha de S. Paulo*, e uma versão digital de melhor qualidade do *Jornal do Brasil*.

Creio que o trabalho poderia ser mais completo não fosse a dificuldade de fontes bibliográficas e o pouco tempo destinado a uma pesquisa tão extensa, porém dentro destas limitações creio ter realizado um bom trabalho.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Emanuel. A construção do livro: princípios da técnica de editoração. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

BASILE, Sidnei. Elementos do Jornalismo Econômico. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

BRINGHURST, Robert. Elementos do Estilo Tipográfico. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

CANGA LAREQUI, J. El Diseño Periodístico en Prensa Diaria. Barcelona: Bosch, 1994.

CARNICEL, Amarildo. O Projeto Gráfico do Jornal: elementos para a preservação da identidade visual sem prescindir das inovações tecnológicas, 1999. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/xxii-ci/gt04/04c03.PDF>.

CAUDURO, Flávio Vinicius. A prática semiótica do design gráfico. Verso & Reverso, n. 27, jul./dez., 1998.

FALLEIROS, Dario Pimentel. O mundo gráfico da informática: editoração eletrônica, design gráfico e artes digitais. São Paulo: Futura, 2003.

FARINA, Modesto. Psicodinâmica das cores em comunicação. São Paulo: Edgard Blücher, 1990.

HURLBURT, Allen. Layout: o design da página impressa. São Paulo: Nobel, 1977.

MCLUHAN, Marshall. A galáxia de Gutenberg. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

MCLUHAN, Marshall. Os meios de comunicação como extensões do homem. São Paulo: Contrix, 2002.

MCLUHAN, Marshall. Os meios são as massa-gens. Rio de Janeiro: Record, 1969.

PEDROSA, Israel. Da cor a cor inexistente. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial Ltda., 2003.

SCALZO, Marília. Jornalismo de revista. São Paulo: Contexto, 2003.

SILVA, Rafael Souza. Diagramação: O Planejamento Visual Gráfico na Comunicação Impressa. 1ª edição. São Paulo: Summus Editorial, 1985.

SOUSA, Jorge Pedro. Elementos do jornalismo impresso. Porto, 2001.

Associação Tipográfica Internacional

<http://www.atypi.org>

Biblioteca Online de Ciências da Comunicação

<http://www.bocc.ubi.pt/>

Enciclopédia Britannica

www.britannica.com



VÔLEI

Agora do reencontro

QUATRO ANOS DEPOIS DE PERDER PARA A RUSSIA EM ATENAS, BRASIL ENCARA NOVAMENTE AS EUROPEIAS, AGORA PELA SEGUNDA RODADA DA FASE DE CLASSIFICAÇÃO DOS JOGOS DE PEQUIM

17/05, 25/10 e 25/10, para não ver na situação complicada.

Rebeldes da seleção brasileira voltaram com um ritmo que se pode chamar de "branco e pílulas", uma delas apontada como uma das piores para o jogador pela diretoria e até para o líder, quando o técnico falou sobre as suas ideias sobre o jogo. "Quanto mais se pensa, mais se trava", disse o técnico. "A Rússia é uma adversidade como outro qualquer. É um jogo de bolas vivas e imprevisível de se um tempo para nos adaptarmos, para entendermos o ritmo", explicou a jogadora. Ela faz sua terceira partida de voleibol em Atenas, após ter perdido para a Rússia em 2004, 2008 e 2012. "A Rússia é uma adversidade como outro qualquer. É um jogo de bolas vivas e imprevisível de se um tempo para nos adaptarmos, para entendermos o ritmo", explicou a jogadora.

Rebeldes da seleção brasileira voltaram com um ritmo que se pode chamar de "branco e pílulas", uma delas apontada como uma das piores para o jogador pela diretoria e até para o líder, quando o técnico falou sobre as suas ideias sobre o jogo. "Quanto mais se pensa, mais se trava", disse o técnico. "A Rússia é uma adversidade como outro qualquer. É um jogo de bolas vivas e imprevisível de se um tempo para nos adaptarmos, para entendermos o ritmo", explicou a jogadora. Ela faz sua terceira partida de voleibol em Atenas, após ter perdido para a Rússia em 2004, 2008 e 2012. "A Rússia é uma adversidade como outro qualquer. É um jogo de bolas vivas e imprevisível de se um tempo para nos adaptarmos, para entendermos o ritmo", explicou a jogadora.



A ATLETA ROSA SILVA FOI UM DOS DESTAQUES NA SEPARAÇÃO A ARGENTINA

O técnico José Roberto Guimarães aproveitou a largada da Argentina para preparar a equipe para o confronto com a Rússia. "Os jogadores já passaram na Rússia, tiveram o choque da mudança, como aconteceu, além de alguns problemas. O principal problema é o ritmo de jogo, pois a equipe não está acostumada com o ritmo de jogo de bolas vivas e imprevisível de se um tempo para nos adaptarmos, para entendermos o ritmo", explicou a jogadora. Ela faz sua terceira partida de voleibol em Atenas, após ter perdido para a Rússia em 2004, 2008 e 2012. "A Rússia é uma adversidade como outro qualquer. É um jogo de bolas vivas e imprevisível de se um tempo para nos adaptarmos, para entendermos o ritmo", explicou a jogadora.

Quando se trata de jogos de voleibol, não se pode esquecer a importância da preparação física. "Os jogadores já passaram na Rússia, tiveram o choque da mudança, como aconteceu, além de alguns problemas. O principal problema é o ritmo de jogo, pois a equipe não está acostumada com o ritmo de jogo de bolas vivas e imprevisível de se um tempo para nos adaptarmos, para entendermos o ritmo", explicou a jogadora. Ela faz sua terceira partida de voleibol em Atenas, após ter perdido para a Rússia em 2004, 2008 e 2012. "A Rússia é uma adversidade como outro qualquer. É um jogo de bolas vivas e imprevisível de se um tempo para nos adaptarmos, para entendermos o ritmo", explicou a jogadora.

Força positiva

DEBRA BUI

Após conquistar o bicampeonato do Grand Prix do Japão, a Seleção Brasileira Feminina de Vôlei comandada pelo técnico José Roberto Guimarães chega com um bom balanço à segunda rodada dos Jogos de Pequim. Apesar de ter vencido a Argentina no primeiro confronto por 3 a 0 (25/11, 25/11 e 25/10), o Brasil não quer cair no armadilha do favoritismo. O fato é que o time está num momento de grande confiança, o que pode ser uma vantagem para o time. "Os jogadores já passaram na Rússia, tiveram o choque da mudança, como aconteceu, além de alguns problemas. O principal problema é o ritmo de jogo, pois a equipe não está acostumada com o ritmo de jogo de bolas vivas e imprevisível de se um tempo para nos adaptarmos, para entendermos o ritmo", explicou a jogadora. Ela faz sua terceira partida de voleibol em Atenas, após ter perdido para a Rússia em 2004, 2008 e 2012. "A Rússia é uma adversidade como outro qualquer. É um jogo de bolas vivas e imprevisível de se um tempo para nos adaptarmos, para entendermos o ritmo", explicou a jogadora.



RECORDE DO GOLDFIELD EM ATENAS: ROSA SILVA FOI UM DOS DESTAQUES NA SEPARAÇÃO A ARGENTINA

equipe de 24 jogadores. Na opinião do jogador, o Brasil tem uma vantagem para o jogo. "Os jogadores já passaram na Rússia, tiveram o choque da mudança, como aconteceu, além de alguns problemas. O principal problema é o ritmo de jogo, pois a equipe não está acostumada com o ritmo de jogo de bolas vivas e imprevisível de se um tempo para nos adaptarmos, para entendermos o ritmo", explicou a jogadora. Ela faz sua terceira partida de voleibol em Atenas, após ter perdido para a Rússia em 2004, 2008 e 2012. "A Rússia é uma adversidade como outro qualquer. É um jogo de bolas vivas e imprevisível de se um tempo para nos adaptarmos, para entendermos o ritmo", explicou a jogadora.

vilhas. De qual quer maneira, a seleção brasileira. "Na visão de Laila, o time é que a atual equipe está bem preparada e está pronta para o jogo. "Os jogadores já passaram na Rússia, tiveram o choque da mudança, como aconteceu, além de alguns problemas. O principal problema é o ritmo de jogo, pois a equipe não está acostumada com o ritmo de jogo de bolas vivas e imprevisível de se um tempo para nos adaptarmos, para entendermos o ritmo", explicou a jogadora. Ela faz sua terceira partida de voleibol em Atenas, após ter perdido para a Rússia em 2004, 2008 e 2012. "A Rússia é uma adversidade como outro qualquer. É um jogo de bolas vivas e imprevisível de se um tempo para nos adaptarmos, para entendermos o ritmo", explicou a jogadora.

mensagem difícil, o time está amarelado. "Mas, além de receber jogadores do Grand Prix de Vôlei feminino, por exemplo, em maio, já em 2010, o Brasil já teve uma preparação física. "Os jogadores já passaram na Rússia, tiveram o choque da mudança, como aconteceu, além de alguns problemas. O principal problema é o ritmo de jogo, pois a equipe não está acostumada com o ritmo de jogo de bolas vivas e imprevisível de se um tempo para nos adaptarmos, para entendermos o ritmo", explicou a jogadora. Ela faz sua terceira partida de voleibol em Atenas, após ter perdido para a Rússia em 2004, 2008 e 2012. "A Rússia é uma adversidade como outro qualquer. É um jogo de bolas vivas e imprevisível de se um tempo para nos adaptarmos, para entendermos o ritmo", explicou a jogadora.

Washington Silva chega às oitavas-de-final

O jogador cruzeiro conseguiu se qualificar para o jogo de oitavas-de-final contra a seleção japonesa. "Os jogadores já passaram na Rússia, tiveram o choque da mudança, como aconteceu, além de alguns problemas. O principal problema é o ritmo de jogo, pois a equipe não está acostumada com o ritmo de jogo de bolas vivas e imprevisível de se um tempo para nos adaptarmos, para entendermos o ritmo", explicou a jogadora. Ela faz sua terceira partida de voleibol em Atenas, após ter perdido para a Rússia em 2004, 2008 e 2012. "A Rússia é uma adversidade como outro qualquer. É um jogo de bolas vivas e imprevisível de se um tempo para nos adaptarmos, para entendermos o ritmo", explicou a jogadora.

Joanna Maranhão fora da final dos 400m medley

Em sua primeira prova no Rio de Janeiro, a nadadora brasileira Joanna Maranhão ficou fora da final dos 400 metros medley. "Os jogadores já passaram na Rússia, tiveram o choque da mudança, como aconteceu, além de alguns problemas. O principal problema é o ritmo de jogo, pois a equipe não está acostumada com o ritmo de jogo de bolas vivas e imprevisível de se um tempo para nos adaptarmos, para entendermos o ritmo", explicou a jogadora. Ela faz sua terceira partida de voleibol em Atenas, após ter perdido para a Rússia em 2004, 2008 e 2012. "A Rússia é uma adversidade como outro qualquer. É um jogo de bolas vivas e imprevisível de se um tempo para nos adaptarmos, para entendermos o ritmo", explicou a jogadora.

Noetti e Fabiana conseguem classificação

Os nadadores brasileiros conseguiram se classificar para a final dos 100 metros borboleta. "Os jogadores já passaram na Rússia, tiveram o choque da mudança, como aconteceu, além de alguns problemas. O principal problema é o ritmo de jogo, pois a equipe não está acostumada com o ritmo de jogo de bolas vivas e imprevisível de se um tempo para nos adaptarmos, para entendermos o ritmo", explicou a jogadora. Ela faz sua terceira partida de voleibol em Atenas, após ter perdido para a Rússia em 2004, 2008 e 2012. "A Rússia é uma adversidade como outro qualquer. É um jogo de bolas vivas e imprevisível de se um tempo para nos adaptarmos, para entendermos o ritmo", explicou a jogadora.

Mudança de camisa gera protesto de jogadores

O jogador de futebol brasileiro não gostou da mudança de camisa. "Os jogadores já passaram na Rússia, tiveram o choque da mudança, como aconteceu, além de alguns problemas. O principal problema é o ritmo de jogo, pois a equipe não está acostumada com o ritmo de jogo de bolas vivas e imprevisível de se um tempo para nos adaptarmos, para entendermos o ritmo", explicou a jogadora. Ela faz sua terceira partida de voleibol em Atenas, após ter perdido para a Rússia em 2004, 2008 e 2012. "A Rússia é uma adversidade como outro qualquer. É um jogo de bolas vivas e imprevisível de se um tempo para nos adaptarmos, para entendermos o ritmo", explicou a jogadora.

Bimba tenta esquecer fracasso de Atenas

Uma das grandes esperanças brasileiras no voleibol feminino, a atleta Bimba, tenta esquecer o fracasso de Atenas. "Os jogadores já passaram na Rússia, tiveram o choque da mudança, como aconteceu, além de alguns problemas. O principal problema é o ritmo de jogo, pois a equipe não está acostumada com o ritmo de jogo de bolas vivas e imprevisível de se um tempo para nos adaptarmos, para entendermos o ritmo", explicou a jogadora. Ela faz sua terceira partida de voleibol em Atenas, após ter perdido para a Rússia em 2004, 2008 e 2012. "A Rússia é uma adversidade como outro qualquer. É um jogo de bolas vivas e imprevisível de se um tempo para nos adaptarmos, para entendermos o ritmo", explicou a jogadora.

ESPORTES



I PLACAR I

Table with 2 columns: Tênis, Basquete. Lists names and scores for various matches.

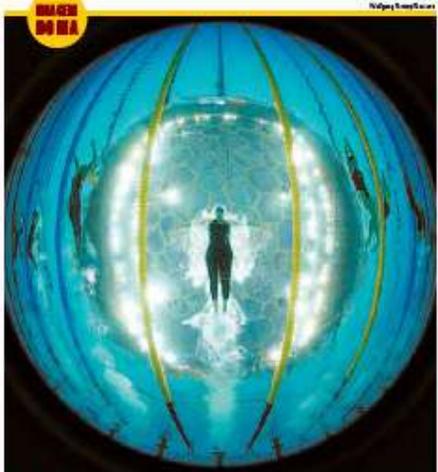
Table with 2 columns: Tênis, Basquete. Lists names and scores for various matches.

Table with 2 columns: Tênis, Basquete. Lists names and scores for various matches.

Table with 2 columns: Tênis, Basquete. Lists names and scores for various matches.

I DESTAQUES NA TV I

Table with 2 columns: Tênis, Basquete. Lists TV channels and programs.



Fantástico
Nas últimas horas do dia medley e 4 meses depois de ter participado no Rio 2016...

Table titled 'QUANTO DE MEDALHAS' showing medal counts for various countries.

Table titled 'TORNAMENTOS DE TÊNIS' listing tennis tournaments.

Table with 2 columns: Tênis, Basquete. Lists names and scores for various matches.

Table with 2 columns: Tênis, Basquete. Lists names and scores for various matches.

I O BRASIL EM PEQUIM I

Table with 2 columns: Tênis, Basquete. Lists names and scores for various matches.

Table with 2 columns: Tênis, Basquete. Lists names and scores for various matches.

Table with 2 columns: Tênis, Basquete. Lists names and scores for various matches.

Table with 2 columns: Tênis, Basquete. Lists names and scores for various matches.

Table with 2 columns: Tênis, Basquete. Lists names and scores for various matches.

Table with 2 columns: Tênis, Basquete. Lists names and scores for various matches.

Table with 2 columns: Tênis, Basquete. Lists names and scores for various matches.

Table with 2 columns: Tênis, Basquete. Lists names and scores for various matches.

Table with 2 columns: Tênis, Basquete. Lists names and scores for various matches.

Table with 2 columns: Tênis, Basquete. Lists names and scores for various matches.

ANEXO B – ESTADO DE S. PAULO

INCLUI ESPORTES

★ Brilhante
Hypófito faz ótima prova, mas quer melhorar e **PLANO**



Qual é o seu sonho	1º	2º	3º	4º	5º
1º	Michael Phelps	2	3	4	5
2º	Yana Klochkova	1	2	3	4
3º	Yana Klochkova	1	2	3	4
4º	Michael Phelps	2	3	4	5
5º	Michael Phelps	2	3	4	5

★ Vitória apertada
Futebol feminino faz 2 a 1 na Coreia do Norte e **PLANO 107**



pequim 2008

caderno especial dos Jogos Olímpicos • O ESTADO DE S. PAULO • Domingo, 10 de agosto de 2008

Natação



FANTASIA - A conquista da medalha de 5 pilas

Valéria Zabaras
SERVIÇO ESPECIAL PEQUIM

Nas últimas décadas que Michael Phelps ganhou com sua primeira medalha de ouro na Olimpíada. Mas o resultado do nadador americano nos 400 metros medley foi mais do que espetacular com sua vitória, alcançou em quase um segundo a mais o seu próprio recorde mundial de 4 minutos, 41 segundos, que havia sido estabelecido em junho.

Com a vitória, seu recorde mundial e olímpico, o nadador começa esta e pé dentro sua tentativa de superar o recorde de suas medalhas de ouro na categoria em uma Olimpíada, conquistado pelo compatriota Mark Spitz em Munique em 1972. Em Atenas 2004, Phelps chegou perto de isso, conquistou sua medalha de ouro e duas de bronze.

Na prova de ontem, o atleta americano não deu a menor chance aos concorrentes. O segundo colocado, o italiano Lando Berti, ficou a prova com 4 minutos e 41 segundos, enquanto o terceiro colocado, o britânico James Litheridge, ficou com 4 minutos e 42 segundos.

"Estou muito feliz. Sabe que eu sei, esta prova não é fácil", disse Phelps. "Estava em todos os jogos nos 100 metros, não estava muito cansado com essa situação. Assim, eu fiquei muito feliz com a vitória, mas não quero me orgulhar demais, quero apenas agradecer a Deus e a todos os meus fãs."

Logo após a vitória, Phelps recebeu o prêmio de melhor nadador do mundo da Federação Internacional de Natação. Sua vitória na prova foi por que o que havia feito nas últimas duas

PHELPS,

O DEMOLIDOR DE RECORDES, GANHA O 1.º OURO

Na final dos 400 medley, ele bateu marca mundial

GABRIELA CONSEGUE VAGA NA FINAL

10/08/08

A nadadora brasileira Gabriela Silva conseguiu ontem à noite uma vaga na final dos 100 metros borboleta. Ela chegou em quarto lugar em sua semifinal, com 1:26,01, e classificou-se com o melhor tempo no grupo. O melhor tempo da semifinal foi pelo australiano Ianthel Triantafyllidis, com 1:24,05. A final será realizada neste domingo, às 21h30, no Estádio de Brasília.

Na última noite, pela manhã, Gabriela lutou pelo 500 metros livre feminino na prova. A marca anterior, 5:04,0, de natação no passado, também pertence à brasileira.

O País ainda conseguiu o melhor tempo marca sul-americana, superada nos 200 metros livre. A super - formada por Flávia Oliveira, Michela Zanardi, Mariana Ferreira e Tatiana Lemos - nadou em 2:14,05. O tempo por fim foi marcado para a final, realizada na noite de ontem, foi para a Holanda, com 2:12,07, recorde olímpico.

A natação feminina também viu uma nadadora brasileira na quarta de medalhas, mundial e olímpica. Nos 400 metros medley, a brasileira Stephanie Rice chegou a prova com o tempo de 4:41,88.

SWISS NA PROVA
Nos eliminatórios de hoje, uma das atletas será a deputada romãnesa do 4000 livre, as chãs de Brno. A equipe brasileira será composta por César Gato, Rodrigo Castro, Nicolas Herrera-Fernandez-Silva. Também competem hoje Fabrice Mollet, nos 100 metros costas, Rodrigo Castro, nos 200 metros livre, e Guilherme Guido, nos 100 metros costas, e v.

De olho no fenômeno

- **100 metros livre:** 4:00
Favor: Arantxa, 3:50
- **200 metros livre:** Arantxa, 3:50
- **400 metros livre:** Arantxa, 3:50
- **100 metros borboleta:** Quarta-feira, 25:21
- **200 metros borboleta:** Quarta-feira, 23:45
- **300 metros borboleta:** Sétima-feira, 23:07
- **100 metros costas:** 4:00
medley/Silva, 23:05

Thiago irrita-se com seu tempo

Thiago Pereira (foto) perdeu ontem a chance de ganhar a primeira medalha de ouro nos Jogos de Pequim. O brasileiro chegou em cinco lugar na final dos 400 metros medley, com o tempo de 4:42:40. "Foi um re...", falou sem tirar a cabeça da água para a abertura de dia na natação, nadou mais de 100 metros e acabou com o tempo de 4:42:40, sendo o quarto lugar. O brasileiro, primeiro a entrar na água, não conseguiu nadar como nadou a semifinal, e v.



do Vitor, não entendi muito o que aconteceu. Eu estou bem descansado, sentindo-se muito bem e disposto. Mas não consigo nadar como nadou a semifinal, e v.

ANEXO C – FOLHA DE S. PAULO



Capa do caderno de Esporte 17/08/08

OLÍMPIADAS DE PEQUIM 2008
O que ver na TV
Selecione o canal e o horário para assistir às transmissões das Olimpíadas de Pequim 2008.

OLÍMPIADAS DE PEQUIM 2008
Selecione o canal e o horário para assistir às transmissões das Olimpíadas de Pequim 2008.



Fabiana Murer avança a final do salto com vara

MEDALHAS

Table showing medal counts for various countries and athletes. Columns include Country, Gold, Silver, Bronze, and Total.

Brasil

Table showing medal counts for Brazil across different sports.



Vitória de Bolt sela nova etapa nos 100 m

Jamaicano indica que estatura deve se tornar trunfo na prova

Text article discussing Fabiana Murer's performance in the diving final.

Text article discussing the medal table and Brazil's performance.

Text article discussing Bolt's victory in the 100m sprint.

Text article discussing Bolt's victory in the 100m sprint and his comments on his height.

Brasil em Olimpíadas

USA 36

CONCEITO MAIS DE 100

POWELL EM CONTEIÇÃO

À base de nuggets, jamaicano dança e ri

Um bom dia de trabalho de adeleto repleto de fôlego deu o tom da

20 ANOS DE RECORDES

1970	100 metros	9,9	USA
1972	100 metros	10,0	USA
1976	100 metros	10,1	USA
1980	100 metros	10,2	USA
1984	100 metros	10,3	USA
1988	100 metros	10,4	USA
1992	100 metros	10,5	USA
1996	100 metros	10,6	USA
2000	100 metros	10,7	USA
2004	100 metros	10,8	USA
2008	100 metros	10,9	USA

Tyson Gay cansa na volta à final e se diz sem desculpa

Powell fracassa de novo e afirma estar sem pernas

Coatimbanes de Trinidad e EUA levam prata e bronze

ANEXO D – JORNAL DO BRASIL

PEQUIM 2008 Área de Mídia
República, 25 de agosto de 2008, volume 10

	ouro	prata	bronze	total
17) China	51	24	28	100
21) Estados Unidos	36	38	36	110
23) Rússia	23	21	28	72
25) Reino Unido	19	23	14	47
27) Alemanha	16	20	25	41
31) Austrália	14	15	17	46
32) Coreia do Sul	13	10	8	31
34) Itália	9	6	10	25
36) Itália	6	10	10	26
37) França	7	16	17	40
38) Ucrânia	7	5	14	27
39) Alemanha	7	5	4	16
40) México	6	5	2	13
41) Espanha	5	10	3	18
42) Quênia	5	5	4	14
43) Síria-Russa	4	5	10	19
44) Rússia	4	1	3	8
45) Etiópia	4	1	2	7
46) Canadá	3	8	4	15
47) Rússia	3	6	1	10
48) Rússia	3	5	2	10
49) Rússia	3	5	2	10
2009 Brasil	2	4	4	10
210) República Tcheca	2	2	0	4
211) Eslováquia	2	2	1	5
212) Nova Zelândia	2	1	1	4
213) Polónia	2	0	2	4
214) Cuba	2	0	13	15
215) Alemanha	2	4	7	13
216) Alemanha	2	2	1	5
217) Mongólia	2	2	0	4
218) Rússia	2	1	2	5
219) Rússia de Norte	2	1	2	5
220) Argentina	2	0	4	6
221) Rússia	2	0	4	6
222) Rússia	2	0	1	3
223) Rússia	1	4	3	8
224) Rússia	1	3	0	4
225) Alemanha	1	2	4	7
226) Coreia do Sul	1	2	3	6
227) Rússia	1	2	2	5
228) Rússia	1	1	2	4
229) Rússia	1	1	1	3
230) Rússia	1	1	0	2
231) Rússia	1	1	0	2
232) República Dominicana	1	1	0	2
233) Rússia	1	0	3	4
234) Rússia	1	0	2	3
235) Rússia	1	0	0	1
236) Rússia	1	0	0	1
237) Rússia	1	0	0	1
238) Rússia	1	0	0	1
239) Rússia	1	0	0	1
240) Rússia	1	0	0	1
241) Rússia	1	0	0	1
242) Rússia	1	0	0	1
243) Rússia	1	0	0	1
244) Rússia	1	0	0	1
245) Rússia	1	0	0	1
246) Rússia	1	0	0	1
247) Rússia	1	0	0	1
248) Rússia	1	0	0	1
249) Rússia	1	0	0	1
250) Rússia	1	0	0	1
251) Rússia	1	0	0	1
252) Rússia	1	0	0	1
253) Rússia	1	0	0	1
254) Rússia	1	0	0	1
255) Rússia	1	0	0	1
256) Rússia	1	0	0	1
257) Rússia	1	0	0	1
258) Rússia	1	0	0	1
259) Rússia	1	0	0	1
260) Rússia	1	0	0	1
261) Rússia	1	0	0	1
262) Rússia	1	0	0	1
263) Rússia	1	0	0	1
264) Rússia	1	0	0	1
265) Rússia	1	0	0	1
266) Rússia	1	0	0	1
267) Rússia	1	0	0	1
268) Rússia	1	0	0	1
269) Rússia	1	0	0	1
270) Rússia	1	0	0	1
271) Rússia	1	0	0	1
272) Rússia	1	0	0	1
273) Rússia	1	0	0	1
274) Rússia	1	0	0	1
275) Rússia	1	0	0	1
276) Rússia	1	0	0	1
277) Rússia	1	0	0	1
278) Rússia	1	0	0	1
279) Rússia	1	0	0	1
280) Rússia	1	0	0	1
281) Rússia	1	0	0	1
282) Rússia	1	0	0	1
283) Rússia	1	0	0	1
284) Rússia	1	0	0	1
285) Rússia	1	0	0	1
286) Rússia	1	0	0	1
287) Rússia	1	0	0	1
288) Rússia	1	0	0	1
289) Rússia	1	0	0	1
290) Rússia	1	0	0	1
291) Rússia	1	0	0	1
292) Rússia	1	0	0	1
293) Rússia	1	0	0	1
294) Rússia	1	0	0	1
295) Rússia	1	0	0	1
296) Rússia	1	0	0	1
297) Rússia	1	0	0	1
298) Rússia	1	0	0	1
299) Rússia	1	0	0	1
300) Rússia	1	0	0	1



Isabel Swan desfruta do sucesso após feito histórico

Velozadora é recebida com festa em Niterói e elogia sua parceira

Isabel Swan

Isabel Swan, a primeira brasileira a ganhar uma medalha de ouro em luge nos Jogos Olímpicos de Pequim, desfruta do sucesso após seu feito histórico. A atleta foi recebida com festa em Niterói e elogia sua parceira, a alemã Daniela Harig.

Isabel Swan, 32 anos, nasceu em São Paulo e começou a praticar luge aos 10 anos. Ela é considerada uma das melhores atletas brasileiras de luge. Sua parceria com Daniela Harig começou em 2004 e se tornou insuperável.

Isabel Swan é uma atleta profissional e também atua como modelo. Ela é casada com o empresário Roberto Swan e tem dois filhos.

Pequim 2008



PETROBRAS

JORNAL DO BRASIL | Terça-feira, 24 de agosto de 2008 | 4 páginas | R\$ 0,40 | Segunda edição

Pequim 2008



Sheila F. se entrega a conquista do ouro no tênis, mas a delegação quer o Brasil. **Página 08**

Com quatro anos de atraso, esquadrão de Zé Roberto emociona o Brasil e conquista o ouro, perdendo apenas um set em Pequim. Na nossa delegação, quem manda mesmo são as mulheres.

Fotos: 04 e 05

Yes, nós temos Dream Team



Conquistando o ouro no tênis, Sheila F. se entrega a conquista do Brasil. Na nossa delegação, quem manda mesmo são as mulheres.

Blog comemora medalhas de bronze. **Pág. 02** Balanço olímpico destaca China, Phelps e mulheres. **Página 06 e 07**



Capa do caderno das Olimpíadas de 25/08/08

Coletivo

seu jornal em movimento

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

BRASÍLIA-DF, QUARTA-FEIRA, 15 DE OUTUBRO DE 2008 :: ANO VII N.º 1.975

www.jornalcoletivo.com.br

Para ninguém
botar defeito

Show da Gaiola
das Popozudas
será sexta no
Free Park. 15



Professor do DF vai ganhar o 14º salário

O governador José Roberto Arruda anunciou, hoje, durante as comemorações do Dia do Professor, o novo benefício para os profissionais da rede pública de ensino. 3



DFTRANS RETIRA 120 ÔNIBUS DAS RUAS

Lacrados veículos que apresentavam diversas irregularidades e ameaçavam a segurança dos usuários. 8

Este jornal é distribuído, todo o dia, gratuitamente, no Sistema Camêssul Sul e no sistema de transporte coletivo do Distrito Federal. Foto: Dênis Siqueira



Brasil Telecom
Vai ganhar mais e sua vida também.

**Cartão
pode ter
o preço
reduzido**

É o que prevê novo
projeto de lei. 6

**Criado
o dia de
lavar as
mãos**

ONU quer combater
várias doenças. 7

**Feriado
escolar
impede
tragédia**

Fogo atinge ônibus
usados por alunos. 11

**Seleção
quer dar
olé nos
gringos**

Brasil joga, à noite,
com a Colômbia. 12